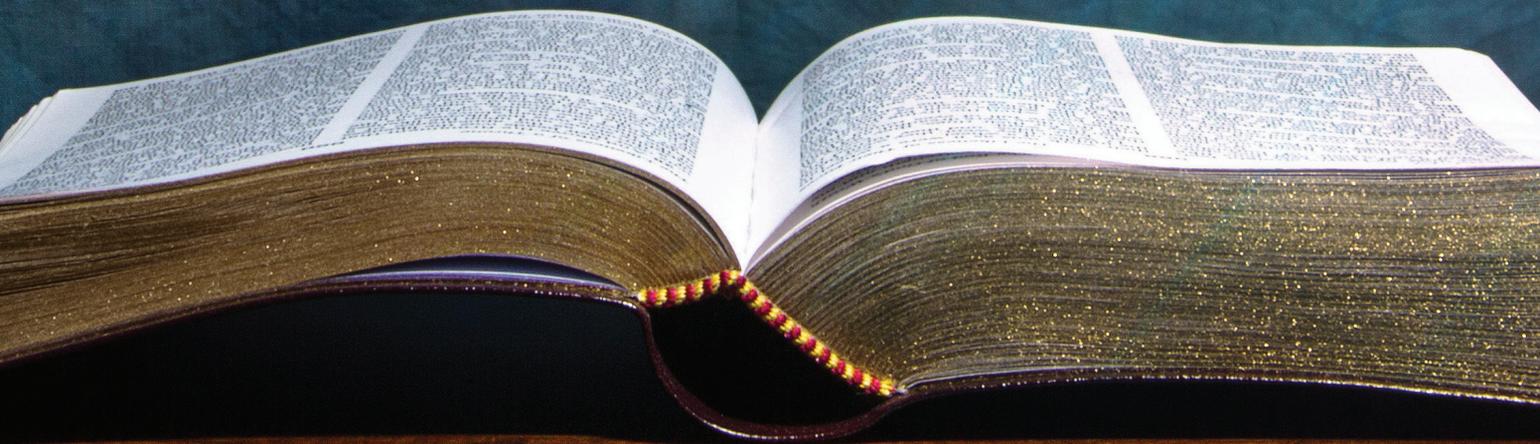


OS BENEFÍCIOS
DO JEJUM PRE-
CISAM DE SER
REDESCOBERTOS
E REIVINDICADOS
PELOS CRISTÃOS.

Nem Só de Pão

Jesus disse: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus.” Mateus 4:4.





VIVER MAIS A ESPERANÇA

“O ESPÍRITO DE LIBERALIDADE É O ESPÍRITO DO CÉU. ESTE ESPÍRITO ENCONTRA A SUA MAIS ALTA MANIFESTAÇÃO NO SACRIFÍCIO DE CRISTO SOBRE A CRUZ. O PAI DEU O SEU ÚNICO FILHO EM NOSSO BENEFÍCIO. E CRISTO, TENDO RENUNCIADO A TUDO O QUE POSSUÍA, DEU-SE A SI MESMO, PARA QUE O HOMEM PUDESSE SER SALVO. A CRUZ DO CALVÁRIO DEVE SER UM APELO À BENEFICÊNCIA DE CADA SEGUIDOR DE CRISTO. O PRINCÍPIO AÍ ILUSTRADO É DAR, DAR.”

– ELLEN G. WHITE, *ATOS DOS APÓSTOLOS*, P. 239, ED. P. SERVIR.

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Amorim

Diretor de Redação

Lara Figueiredo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

E-mail revista.adventista@pservir.pt

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro

Projeto Gráfico

Sara Calado

Diagramação

Rita Mendes

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Artur Guimarães

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo Tel.: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes Paulo Santos

E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel.: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento MDI – Design e Impressão

V. N. Famalicão

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustrações da revista © Adobe Stock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



TEOLOGIA

06

Jesus, chamado o Cristo

Existirão testemunhos não-cristãos que permitam estabelecer a existência histórica de Jesus?



EVANGELISMO

24

Evangélico pela amizade

O que leva as pessoas a decidirem entregar o seu coração a Jesus? Qual é a interação-chave que leva alguém a Cristo?



ESPAÇO JUVENIL

23

Quem não arrisca, não petisca!

O salto de fé requer que nos deixemos levar pela mão de Deus.

12 NEM SÓ DE PÃO › ARTIGO DE FUNDO

O objetivo deste artigo é apresentar o conceito bíblico do jejum, demonstrando como e por que razão ele deve fazer parte da experiência cristã individual e coletiva de todos os crentes.

29 E TU, VISITASTE-ME? › DEVOCIONAL

Deus conhece cada coração sofredor. Alcançá-los com a mensagem sobre o Seu amor é a obra que nos foi entregue.

32 ENTRE MILHARES E MILHARES DE MILHÕES DE ANOS › BÍBLIA

Os Criacionistas acreditam que Deus criou todo o Universo. Mas têm sido propostos dois modelos bíblicos para a criação do Universo.





Autoestrada para a comunhão com Deus

O artigo de fundo deste mês aborda o tema do jejum. Em que é que o facto de se se privar voluntariamente de alimento favorece o relacionamento com Deus? O autor, ao falar do jejum como “disciplina espiritual”, não está a referir-se a um rito místico ou a um rito que promove o esforço meritório. “Disciplina espiritual” é o termo teológico que engloba as práticas de relacionamento com Deus, como a oração ou a meditação bíblica. Tal como a oração, o “jejum” não é uma técnica para provocar a manifestação de Deus. O jejum não serve para “acordar” Deus, nem para “atrair” a Sua atenção. Não é uma penitência para pagarmos uma promessa e nos reconciliarmos com Deus. Compreendermos o correto significado do jejum e o seu efeito é importante para não incorrerem em práticas que, apesar de serem bíblicas, podem estar fora da sua razão de ser segundo o desígnio divino.

O jejum é uma prática bíblica individual (Sal. 35:13) ou coletiva (Esd. 8:21), motivada por razões diferentes do paganismo, que buscava neste tipo de ascese o

favor das divindades. Jesus associou o jejum e a oração ao poder imprescindível para se triunfar no combate espiritual contra as forças do mal (Mat. 17:21). O Salmista refere-se ao jejum como uma forma de “castigar” ou “afligir” a alma (Sal. 69:10), mas Deus reorienta o sentido desta prática através do profeta Isaías: “Seria este o jejum que eu escolheria, que o homem um dia aflija a sua alma...?” Depois, Deus esclarece, afirmando que o jejum que Lhe agrada é soltar “as ligaduras da impiedade”, desfazer “as ataduras do jugo”, deixar “livres os oprimidos”, despedaçar “todo o jugo” (Isa. 58:3-8). Deus liberta a prática do jejum de todo o ato meritório ou punitivo, identificando-o com os atos que promovem a libertação da injustiça e do sofrimento humanos, ou seja, fazendo dele um modo de servir e de salvar o próximo.

O jejum está na concentração da atenção para a procura de Deus. Através do jejum, a satisfação das principais necessidades elementares do ser humano (como a necessidade de alimento) é desviada da dimensão física para a dimen-

são espiritual, dando primazia à necessidade do alimento que vem de Deus. Gosto da seguinte frase do autor: “O jejum também deve ser uma expressão de ‘apetite’ ou de ‘fome’ por Deus.” Esta afirmação ajusta-se mais ao desígnio de Deus a respeito, por um lado, do Seu desejo profundo de comunhão com os Seus filhos e as Suas filhas e, por outro, da alegria da correspondência. O jejum torna-se, então, numa via para uma entrega mais profunda no encontro com Deus. As prioridades invertem-se, colocando o encontro com Deus no topo das necessidades. Este “desespero” da nossa busca de Deus para saciar a fome espiritual abre a mente e subjuga o corpo, de forma a criar espaço para se receber a presença de Deus. Não vejamos o jejum como ritual, mas como preparação e reforço da atitude para recebermos Deus. Busquemos desenvolver e manter uma comunhão íntima com Deus que se exterioriza na partilha com o próximo. Esta é a grande alegria de Deus! ✨

Pr. António Amorim
Presidente da UPASD.

CALENDÁRIO UPASD



DIAS ESPECIAIS

Outubro

05-07	Convenção da ASI
07	Dia de Jejum e Oração
14	Dia do Pastor
14-21	Campanha "Movidos pela Esperança"
19	Conferência da AIDLR
21	Dia do Espírito de Profecia
27-30	Encontro dos 60+
28	Dia da Criação

Novembro

04-11	Semana de Oração e Sacrifício
12 e 13	Conselho de Fim de Ano
18	Comemoração dos 50 anos de "A Voz da Esperança"
25	ROIG Alentejo e Algarve
26	ROIG Lisboa

COMUNIDADE DE ORAÇÃO



Outubro

02-06	Conselho Anual da Conferência Geral
09-13	Associação da Boémia (CSU)
16-20	Casa Publicadora Safeliz (EUD)
23-27	Faculdade de Marienhohe (EUD)
30-03/11	Reunião de Fim de Ano da EUD

Novembro

06-10	Semana de Oração e Sacrifício
13-17	União Franco-Belga (FBU)
20-24	União Búlgara (BU)
27-02/12	União Italiana (IU)

PRESEÇA NOS MEDIA



ANTENA 1 RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15:30h // ANTENA 1, a partir das 22h47

02/10	segunda-feira	16/10	segunda-feira
06/11	segunda-feira	20/11	segunda-feira

CAMINHOS

RTP2, às 10h30 // ANTENA 1, a partir das 06h00

22/10	domingo
-------	---------

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.

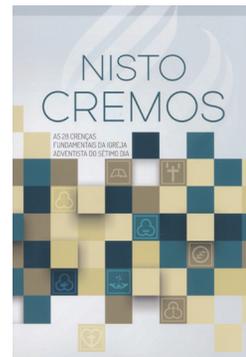


BANCO DE LEITURA

Nisto Cremos

Os Adventistas do Sétimo Dia não têm um credo dogmático. Para eles, a Bíblia é o seu único credo. No entanto, a nossa Igreja sentiu a necessidade, com o passar do tempo, de apresentar ao mundo uma declaração das suas crenças fundamentais, tal como estas podem ser encontradas na Bíblia. Em 1872, surgiu a primeira sinopse da nossa fé em 25 proposições, que foi publicada no *Yearbook* denominacional a partir de 1889. Esta primeira declaração foi revista algumas vezes, até que, em 1980, a Assembleia da Conferência Geral emitiu uma declaração de "Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia" consistindo em 27 parágrafos. Em 2005, a Assembleia da Conferência Geral acrescentou uma 28ª crença.

O livro que quero apresentar-lhe, caro Leitor, é um comentário magistral à declaração atualizada das nossas 28 crenças fundamentais. No início de cada um dos seus capítulos surge uma crença, que é de seguida amplamente comentada e exposta. O objetivo deste livro é apresentar ao público as convicções doutrinárias da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Assim, ele deve ser visto como uma declaração da "verdade em Jesus" que nós proclamamos em todo o mundo. O livro está dividido em seis secções: (1) A doutrina de Deus, (2) A doutrina do ser humano, (3) A doutrina da salvação, (4) A doutrina da Igreja, (5) A doutrina da vida cristã e (6) A doutrina dos últimos eventos. Cada uma destas secções apresenta um conjunto de crenças fundamentais. Assim, por exemplo, na secção sobre a doutrina de Deus temos as seguintes crenças: (1) As Escrituras Sagradas, (2) A Trindade, (3) O Pai, (4) O Filho, (5) O Espírito Santo. Enquanto Adventistas do Sétimo Dia, temos o privilégio, mas também o dever, de conhecer bem as nossas crenças. Este livro permite-nos adquirir esse conhecimento de uma forma sistemática e acessível. Assim, é com toda a segurança que lhe recomendo este livro, amigo Leitor. ✨



Paulo Lima

Editor da *Revista Adventista*.

Desde que o filósofo germânico Hermann Samuel Reimarus (1694-1768) inaugurou a investigação crítica em busca do “Jesus histórico”, vários autores de diversos quadrantes teológicos têm tentado estabelecer a historicidade de Jesus. A maior parte destes autores concede algum grau de fidedignidade aos relatos dos Evangelhos canônicos, procurando obter neles informações que lhes permitam destringir entre o “Jesus histórico” e o “Jesus da fé”. No entanto, alguns destes eruditos mais radicais rejeitaram totalmente a fidedignidade dos Evangelhos e chegaram mesmo a defender que Jesus nunca existiu, nada mais sendo do que uma figura mitológica inventada pelos primeiros Cristãos. Esta tese radical foi primeiro avançada pelo filósofo e historiador alemão Bruno Bauer (1809-1882). Na sua obra, *Christus und die Caesaren* (1877), ele conclui que Jesus seria apenas um mito. Vários autores o seguiram nas suas conclusões, dos quais podemos destacar, entre outros, o francês Paul-Louis Couchoud (1879-1959) e o britânico George Albert Wells (1926-2017).

Estes investigadores negam a historicidade de Jesus porque rejeitam a fidedignidade dos relatos transcritos nos Evangelhos pelos Cristãos. Impõe-se, assim, a pergunta: Existem testemunhos *não-cristãos* que permitam estabelecer a existência histórica de Jesus? Para respondermos a esta pergunta, vamos analisar, nesta série de artigos, o que as fontes não-cristãs têm a dizer sobre a figura de Jesus. No presente artigo vamos abordar o testemunho histórico sobre Jesus apresentado por três autores pagãos latinos e por um autor pagão siro-palestino. Estes autores são Tácito, Suetônio, Plínio, o Jovem, e Mara bar Serapião.

O testemunho de Tácito

Tácito, nascido por volta de 52 d.C., foi senador no reinado do imperador Vespasiano e, mais tarde, ocupou o cargo de Cônsul.

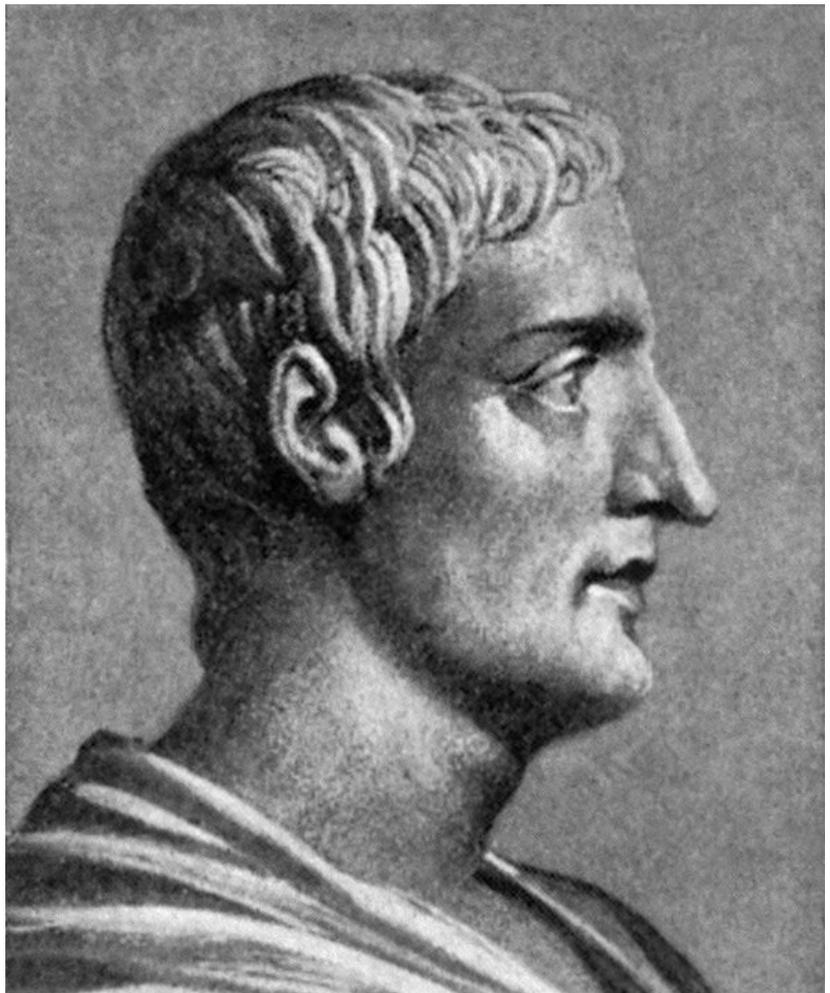
Jesus, chamado o Cristo

– Os testemunhos pagãos sobre Jesus

EXISTEM TESTEMUNHOS NÃO-CRISTÃOS QUE PERMITAM ESTABELECEM A EXISTÊNCIA HISTÓRICA DE JESUS?

Entre 112 e 113 d.C. foi também procônsul (governador) da província romana da Ásia. Mas a sua fama advém-lhe da sua obra como historiador. Tácito é universalmente considerado como um historiador confiável, dotado de um forte senso crítico e de uma grande honestidade na avaliação dos documentos. A sua obra *Annales* (*Anais*) foi escrita por volta de 116 d.C.. Ela relata a história de Roma desde o ano 14 d.C. até ao ano 68 d.C.. Para a sua redação, Tácito utilizou documentos oficiais conservados nos arquivos do Estado, memórias privadas de personagens importantes e fontes historiográficas. A importância desta obra para nós deve-se ao facto de ela ser portadora de um testemunho sobre Cristo.

De facto, ao descrever a reacção do imperador Nero para se livrar das acusações populares que o responsabilizavam pelo grande incêndio que atingiu Roma em 64 d.C., Tácito escreveu: “Portanto, para se livrar do rumor, Nero apresentou como culpados, e puniu com a mais rebuscada crueldade, uma classe de homens, desprezados pelos seus vícios, a quem a multidão chama ‘Cristãos’. Cristo, o fundador do nome, tinha sofrido a pena de morte no reinado de Tibério, por sentença do Procurador Pôncio Pilatos, pelo que a pernicioso superstição foi momenta-



Gaius Cornelius Tacitus [retirado de <https://pt.wikipedia.org/>]

neamente reprimida, apenas para irromper de novo, não apenas na Judeia, a origem da doença, mas na própria capital, onde confluem e se tornam moda todas as coisas horríveis ou vergonhosas” (*Annales*, Livro XV, 44).¹

Temos aqui um testemunho importante sobre a primeira perseguição aos Cristãos desencadeada por Nero e acerca da existência histórica de Cristo. Interessa-nos em especial o testemunho sobre Cristo. Fica claro, pelo modo como Tácito descreve a situação, que ele estava a fazer uso de um documento hostil ao Cristianismo. Um documento que não era nem judeu, nem cristão, e que apontava o Cristo condenado à morte por Pôncio Pilatos, no reinado de

Tibério, como sendo o originador do movimento cristão. Esta passagem oferece-nos o testemunho mais completo sobre Cristo entre os autores pagãos. Ela está claramente de acordo com a informação que podemos obter nos Evangelhos: (1) Cristo foi condenado à pena de morte, (2) no reinado do imperador Tibério (13-47 d.C.), (3) pelo Procurador Pôncio Pilatos (26-36 d.C.). Note-se que Tácito mostra estar muito bem informado, pois ele é o único historiador romano que menciona Pilatos numa das suas obras.²

Embora alguns autores tenham tentado atacar a autenticidade desta passagem, esta é reconhecida como autêntica pelos especialistas na obra de Tácito. Uma

SEGUNDO O TESTEMUNHO DE TÁCITO, CRISTO FOI UMA PERSONALIDADE HISTÓRICA, E NÃO UM SIMPLES MITO CRISTÃO.

análise filológica do texto mostra que ela foi realmente escrita por Tácito, não por um interpolador. De facto, as seguintes razões indicam que a passagem de *Annales* XV, 44, é autêntica. Primeiro, o estilo do latim utilizado é claramente tacitano. Segundo, este texto era certamente conhecido por Sulpicius Severus no início do quinto século d.C.. Ora, é quase impossível conceber um escritor dos séculos que medeiam entre Tácito e Sulpicius que tivesse talento suficiente e um motivo razoável para realizar uma interpolação. Por um lado, os escritores *crístãos* não se refeririam à sua fé nos termos injuriosos e polémicos que o texto de *Annales* XV, 44, apresenta. Por outro lado, os escritores *pagãos* normalmente não se expressariam em tão bom latim tacitano. Assim, embora o texto possa apresentar algumas dificuldades de interpretação, ele é plausível e ajusta-se bem ao que conhecemos da época de Nero, por outras fontes históricas, pelo que podemos concluir que é claramente da autoria de Tácito.³

Outros críticos afirmam que Tácito, na sua menção sobre Cristo, se limitou a repetir informação obtida dos próprios Cristãos. No entanto, existem boas razões para crer que Tácito tinha informações históricas de primeira mão sobre Cristo. Primeiro, ele apresenta a sua declaração sobre Cristo como

um facto histórico comprovado e comprovável. Segundo, sabemos que Tácito tinha acesso aos registos oficiais disponíveis em Roma. Terceiro, como bom historiador, Tácito não cita as suas fontes sem criticá-las. Por exemplo, em *Annales* IV, 57, ele questiona a maioria dos relatos dos historiadores romanos. Em *Annales* XV, 53, ele critica como sendo absurda uma declaração de Plínio. Portanto, podemos estar seguros de que Tácito era cético no tocante aos boatos populares que não conseguia documentar. Quarto, Tácito distinguia bem entre boato e facto, usando para esse efeito expressões como “Alguns registaram” ou “Conforme opinião geral” (e.g., *Annales* XV, 15, ou XV, 20). Ele também emprega termos como “foi dito” e “dizem” quando não quer responsabilizar-se pela veracidade de uma declaração (e.g., *Annales* XV, 10, e XV, 16). Ora, no caso do seu testemunho sobre Cristo, Tácito não emprega nenhuma destas expressões, mostrando claramente que possuía informação oficial de primeira mão.⁴

Portanto, podemos concluir que, segundo o testemunho de Tácito, Cristo foi uma personalidade histórica, e não um simples mito cristão.

O testemunho de Suetónio

Suetónio (69-141 d.C.), escritor romano contemporâneo de Tácito, ocupou três cargos ao serviço do imperador: secretário *a studiis*, responsável pelas bibliotecas imperiais, e secretário para a correspondência imperial. Portanto, teve acesso aos arquivos imperiais durante a redação da sua obra. Terá sido por volta de 120 d.C. que redigiu as biografias dos primeiros imperadores romanos. No seu livro *De Vita Caesarum* (*A vida dos Césares*), na secção dedicada à bio-

grafia do imperador Cláudio, pode ler-se a seguinte declaração: “Dado que os Judeus provocavam constantemente distúrbios por instigação de Chrestus, ele [o imperador Cláudio] expulsou-os de Roma” (*Divus Claudius*, XXV, 4).⁵

Este testemunho enigmático levanta a seguinte pergunta: quem é “Chrestus”? A resposta mais plausível indica que estamos na presença de uma confusão com o nome grego “Christus” (Cristo). Portanto, teríamos aqui uma referência histórica à existência de Jesus. Os argumentos em favor desta conjectura muito provável são os que se seguem.

Primeiro, *Chrestus* é um nome grego (que significa “benigno”, “agradável”). Este nome era muito comum entre os escravos do tempo de Suetónio. É verdade que muitos Judeus da Diáspora tinham nomes gregos, mas este nome nunca é atribuído a qualquer Judeu por Josefo, o historiador judeu do I século, e também não consta das inscrições tumulares da comunidade judaica da Roma dos primeiros séculos. Portanto, é muito improvável que o *Chrestus* mencionado por Suetónio fosse um qualquer Judeu residente em Roma ou procedente da Diáspora.

Segundo, *Chrestus* é provavelmente uma deformação do nome *Christus*. De facto, a pronúncia grega dos dois nomes é muitíssimo semelhante. Assim, era fácil ouvir o nome *Christus* (que não é um nome comum, tendo por significado “Ungido”) e perceber “Chrestus” (um nome muito comum na Roma dos primeiros séculos). O autor cristão Tertuliano testemunha de que esta confusão ocorria realmente, pois afirma que os oponentes do Cristianismo do seu tempo referiam-se erroneamente aos Cristãos como “chrestiani” (em vez de *christiani*).



Terceiro, sabemos que houve, de facto, uma expulsão dos Judeus e dos Judeus-Cristãos de Roma no nono ano do reinado do imperador Cláudio, isto é, em 49 d.C.. Esta indicação é substantiada por Paulo Orósio, historiador cristão do século V. O livro de Atos dos Apóstolos (18:2) também afirma que, por volta do ano 50 d.C., o apóstolo Paulo encontrou, em Corinto, Áquila e Priscila, um casal judeu-cristão, que tinha recentemente vindo de Itália, “pois Cláudio tinha mandado que todos os judeus saíssem de Roma”. Dada a evidente maturidade espiritual deste casal cristão, tudo indica que ele já pertencia à

SUETÓNIO APRESENTA EM *DIVUS CLAUDIUS XXV*, 4, UM TESTEMUNHO FIDEDIGNO SOBRE A EXISTÊNCIA HISTÓRICA DE JESUS, CHAMADO O CRISTO.

fé cristã durante a sua estadia em Roma por volta de 49 d.C.. Na verdade, é provável que Áquila e Priscila fossem apenas um caso dos muitos Judeus-Cristãos que habitavam então em Roma. Ao darem o seu testemunho sobre Jesus Cristo aos outros Judeus, esses Cristãos-Judeus provocaram as discussões aceras que conduziram à expulsão de todos os Judeus de Roma por ordem do imperador Cláudio. O escritor romano que compôs o relatório sobre estes tumultos teria sido informado de que a violência fora instigada por “*Christus*”, mas, como este não lhe era um nome familiar, escreveu “*Chrestus*”, um nome comum na época. Cerca de setenta anos mais tarde, quando Suetónio consultou os arquivos históricos, ele simplesmente copiou fielmente a informação que encontrou aí.⁶

Deste modo, podemos concluir que Suetónio estaria a referir-se em *Divus Claudius XXV*, 4, ao início do Cristianismo em Roma e às discussões acaloradas suscitadas pela introdução do Evangelho na comunidade judaica romana da primeira metade do século I. Assim sendo, a referência a *Chrestus* como o instigador dos tumultos

entre os Judeus seria, na verdade, uma referência a *Christus*, isto é, a Cristo Jesus. De facto, Cristo tinha sido o promotor dos tumultos em Roma, não porque estivesse presente, mas porque era o motivo das discussões acaloradas entre Judeus e Judeo-Cristãos sobre o significado das profecias messiânicas.

Portanto, podemos concluir que Suetónio apresenta em *Divus Claudius XXV*, 4, um testemunho fidedigno sobre a existência histórica de Jesus, chamado o Cristo.

O testemunho de Plínio, o Jovem

Caio Plínio Segundo (61-113 d.C.), mais conhecido como Plínio, o Jovem, tornou-se célebre pela qualidade literária da sua correspondência. Chegaram até nós 10 volumes de cartas. Numa dessas cartas, endereçada ao imperador Trajano, por volta de 112 d.C., quando era governador da Bitínia, na Ásia Menor, Plínio refere-se ao culto que os Cristãos dessa província romana rendiam a Cristo. Na verdade, esta carta contém o testemunho pagão mais antigo sobre a vida e a liturgia das comunidades cristãs. O texto diz o seguinte:

O TESTEMUNHO DE PLÍNIO PERMITE-NOS CONCLUIR COM ALGUM GRAU DE CERTEZA QUE CRISTO FOI UMA PERSONALIDADE HISTÓRICA, E NÃO APENAS UM MITO.

“Eles [os Cristãos] também declararam que o cúmulo da sua culpa e do seu erro consistia em não mais do que isto: Eles tinham-se reunido regularmente antes da alvorada, num dia fixo, para cantar em coro hinos *em honra de Cristo como a um deus*, e também para se obrigarem reciprocamente por um juramento, não já para fins de delito, mas para se absterem de furtos, de roubos e de adultérios, para não faltarem à boa fé e para não recusarem devolver um empréstimo quando chamados a devolvê-lo. Depois desta cerimónia, tinha sido seu costume separarem-se e voltarem a encontrar-se mais tarde para tomar alimento de um tipo comum e inocente” (*Cartas*, Livro X, 96).⁷

Toda esta carta confirma vários detalhes característicos do Cristianismo primitivo. No entanto, interessa-nos a passagem que citámos aqui porque ela aborda as reuniões litúrgicas dos Cristãos. Estes reuniam-se de madrugada, num dia fixo (que poderia ser ainda o sábado ou já o domingo), para entoar hinos a Cristo. Voltavam a reunir-se ao fim do mesmo dia para celebrar uma refeição fraterna (o *agapê*). Também é interessante que, nessas reuniões, os Cristãos comprometiam-se a conservar um carácter moral exemplar. Mas o detalhe desta carta que mais nos interessa é a declaração de Plínio de que os Cristãos cantavam hinos “em honra de Cristo como a um deus”. Fica aqui claro que Cristo, um mero ser humano para Plínio, era considerado Deus pelos Seus seguidores. Esta constatação de Plínio parece tê-lo surpreendido. Note-se que Plínio parte do princípio de que Cristo era uma personalidade histórica. Pode-se objetar que ele teria recebido essa informação dos próprios Cristãos, limitando-se, pois, a reproduzir aquela que era uma crença cristã. No entanto, esta conclusão não é necessária. É muito possível que Plínio se tenha informado junto dos registos do Estado romano

sobre Cristo. Sabemos pelo caso de Tácito e de Suetónio, analisados atrás, que existiam certamente registos oficiais sobre Cristo ao dispor das autoridades romanas. Seja como for, a carta de Plínio dá testemunho de que, setenta anos após a morte de Jesus, inúmeros homens e mulheres, de todas as classes sociais, estavam tão convencidos de que Cristo era uma personalidade histórica que confirmavam essa convicção perante as autoridades romanas, mesmo diante da certeza de que seriam condenados à morte pela sua fé.⁸

Assim, vemos que o testemunho de Plínio nos permite concluir com algum grau de certeza que Cristo foi uma personalidade histórica, e não apenas um mito.

O testemunho de Mara bar Serapião

Mara bar Serapião foi um filósofo estoico de origem siro-palestina que viveu por volta de 70 d.C.. Sabemos pouco acerca dele. Chegou até nós uma carta que ele escreveu da prisão ao seu filho, para o animar a perseverar no caminho da sabedoria. Essa carta está compilada num manuscrito siríaco do século VII, que se encontra no Museu Britânico de Londres. Devido ao seu conteú-

do, considera-se que foi escrita por volta de 73 d.C., pois contém a notícia da fuga de alguns cidadãos da cidade de Samosata, entre os quais se encontrava o próprio Serapião, e reflete a esperança deste de aí poder voltar em breve. A circunstância histórica a que Serapião alude corresponde bem à circunstância da anexação romana do reino de Comágenes, que tinha por capital Samosata, ocorrida em 73 d.C.. A parte do texto da carta de Serapião que nos interessa diz o seguinte: “Que vantagem obtiveram os Atenenses quando mataram Sócrates? Carestia e destruição caíram sobre eles como um juízo pelo seu crime. Que vantagem obtiveram os homens de Samos quando queimaram vivo Pitágoras? Num instante a sua terra foi coberta por areia. *Que vantagem tiveram os Judeus quando condenaram à morte o seu rei sábio?* Depois desse facto o seu reino foi abolido. Deus vingou com justiça aqueles três homens sábios: os Atenenses morreram de fome; os habitantes de Samos foram invadidos pelo mar; os Judeus, destruídos e expulsos do seu país, vivem na total dispersão. Mas Sócrates não morreu definitivamente: continuou a viver no ensino de Platão. Pitágoras não morreu: continuou a viver na estátua de Hera. *Nem tão-pouco o rei sábio morreu definitivamente: continuou a viver no ensino que tinha dado*” (Ms siríaco. Adição 14.658, *British Museum*).⁹

O TESTEMUNHO DE MARA BAR SERAPIÃO PERMITE-NOS CONCLUIR A FAVOR DA EXISTÊNCIA HISTÓRICA DE JESUS.

É evidente que Serapião tem em mente Jesus quando se refere ao “rei sábio” condenado à morte pelos Judeus. Note-se que ele menciona a destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C., como tendo sido o castigo de Deus imposto à nação judaica por ter matado aquele “rei sábio”, isto é, por ter condenado Jesus. É importante referir que o autor não é Cristão. De outro modo, não se referiria a Jesus nestes termos neutros, nem teria posto em pé de igualdade Cristo, Sócrates e Pitágoras. Além disso, noutro ponto da sua carta, ele refere-se aos “nossos deuses”. Ele também não parece ter acreditado na ressurreição de Jesus, pois afirma que Cristo continuou a viver “no ensino que tinha dado”.

Assim sendo, dado que Serapião pode ter sido um jovem contemporâneo de Jesus, e visto que ele não subscreve o carácter divino de Jesus (pois considera-O um simples “rei sábio”), é muito improvável que tenha obtido de algum Cristão o seu conhecimento sobre Cristo. Muito provavelmente conhecia a história de Jesus em primeira mão. O facto de ele ser pai de um filho adulto por volta de 73 d.C. implicaria que já tinha alguma maturidade quando Jesus foi condenado à morte em 31 d.C.. Além do mais, o facto de residir numa região próxima da província romana da Síria-Palestina, onde se tinha desenrolado o ministério de Jesus, dava-lhe a proximidade geográfica suficiente para conhecer a história de Cristo.

Portanto, o testemunho de Mara bar Serapião permite-nos concluir a favor da existência histórica de Jesus.

Conclusão

Os testemunhos dos quatro autores pagãos que apresentámos

levam-nos a concluir que Jesus foi uma personalidade histórica, e não um mero mito cristão. Nenhum dos autores que citámos tinha qualquer interesse em defender a existência histórica de Jesus. No entanto, afirmam-na claramente. Tal testemunho unânime permite-nos rejeitar a tese crítica de que Jesus mais não é do que um mito inventado pelos primeiros Cristãos.

No próximo artigo iremos analisar o testemunho judaico sobre Jesus. Debruçar-nos-emos sobre os testemunhos de Flávio Josefo e do Talmude, tendo em vista provar a existência histórica de Cristo. ✦

Paulo Lima

Editor da *Revista Adventista*.

1. Tacitus, *The Histories. The Annals* (The Loeb Classical Library), 4 vols, London /Cambridge, Mass.: William Heinemann/Harvard University Press, 1962, vol. IV – *Annals*, Books XIII-XVI, pp. 282 e 283.
2. Georges Stéveny, *A la découverte du Christ*, Dammarié-les-Lys: Editions Vie et Santé, 1991, p. 24. José Miguel García, *As origens históricas do Cristianismo*, Coimbra: Edições Tenacitas, 2007, pp. 29 e 30. Léon Herrmann, *Chrestos – Témoignages païens et juifs sur le christianisme du premier siècle* (Collection Latomus, vol. 109), Bruxelles: Latomus, 1970, pp. 161 e 162.
3. Tacitus, *Annales XV*, ed. by N. P. Miller, London: Bristol Classical Press, 2001 (1st ed., 1994), pp. xxvii-xxx.
4. Josh McDowell e Bill Wilson, *Ele andou entre nós – Evidências do Jesus histórico*, São Paulo: Editora Candeia, 1998, pp. 56-58.
5. *Suetonius* (The Loeb Classical Library), 2 vols, London/Cambridge, Mass.: William Heinemann/Harvard University Press, 1970, vol. II, pp. 52 e 53.
6. Stéveny, *Op. cit.*, p. 24. García, *Op. cit.*, pp. 33 e 34. McDowell, *Op. cit.*, pp. 59 e 60. Herrmann, *Op. cit.*, p. 165. Paul Orose, *Histoires (Contre les païens)*, Paris: Les Belles Lettres, 1991, Tome III-Livre VII, pp. 31 e 32.
7. Pliny, *Letters and Panegyricus* (The Loeb Classical Library), 2 vols, London/ Cambridge, Mass.: William Heinemann/Harvard University Press, 1969, vol. II – *Letters (Books VIII-X) and Panegyricus*, pp. 288 e 289.
8. McDowell, *Op. cit.*, p. 54. Stéveny, *Op. cit.*, p. 23. Herrmann, *Op. cit.*, pp. 149 e 150. García, *Op. cit.*, pp. 31-33. Pliny, *Fifty Letters of Pliny*, 2nd ed., edited by A. N. Sherwin-White, Oxford: Oxford University Press, 1969, pp. 171-178.
9. Citado em García, *Op. cit.*, p. 37.
10. McDowell. *Op. cit.*, pp. 60 e 61. García, *Op. cit.*, pp. 36 e 37.

OS BENEFÍCIOS DO JEJUM PRECISAM DE SER REDESCOBERTOS E REIVINDICADOS PELOS CRISTÃOS.

Nem só de pão

O jejum é uma disciplina espiritual mencionada diversas vezes na Bíblia. Essa prática permaneceu na vida dos Cristãos primitivos. No capítulo 8 de uma obra cristã do século II conhecida como *Didaquê*, os Cristãos são instruídos a jejuar às quartas e sextas-feiras. Reformadores como Martinho Lutero, João Calvino e John Wesley incentivavam o jejum regular. Os pioneiros Adventistas, incluindo James e Ellen G. White, também defenderam a prática do jejum.

No entanto, já não ouvimos falar atualmente sobre o jejum, a menos que seja no contexto de períodos de angústia ou de desejo de reavivamento. Alguns recuam diante do jejum por causa do uso incorreto dessa

disciplina ou a fim de se distanciarem do ritual legalista que considera o jejum uma prova de espiritualidade. Outros não sentem necessidade de participar no que consideram ser um costume antiquado ou

uma manobra para obter a graça de Deus. Além disso, o jejum não combina com o desejo moderno de separar o sagrado e o secular.

Apesar disso, quando abordamos o jejum como uma forma de nos ligarmos de um modo profundo ao Criador do Universo, ele traz consigo grande alegria e renovação espiritual. O objetivo deste artigo é apresentar o conceito bíblico do jejum, demonstrando como e por que razão ele deve fazer parte da experiência cristã individual e coletiva de todos os crentes.

Definição bíblica

O Antigo Testamento faz uso de quatro palavras principais para se referir ao jejum. A mais comum delas é *tsowm*, empregada

26 vezes, e a sua cognata *tsuwm*, usada 21 vezes. Em todas as ocorrências, estas palavras são usadas no contexto de se privar temporariamente de alimento. O jejum expresso por meio dessas palavras é, em geral, feito pelos seres humanos para buscar o favor de Deus (Esd. 8:21), demonstrar arrependimento (Jon. 3:5) ou em sinal de luto (II Sam. 1:12).

Outra palavra hebraica, *nazar*, traduzida em Zacarias 7:3 por “jejum” (ARA) e “abstinência” (ACRF), é usada dez vezes na Bíblia. Este termo tem o sentido de separação e consagração permanente ou de longo prazo. É usado de maneira específica (em quatro das dez vezes) para se referir ao voto de nazireu (Núm. 6:2-6).

A quarta palavra, *'anah*, quer dizer “afligir-se” ou “humilhar-se”, e, por vezes, é usada no contexto de se negar a si mesmo por meio do jejum. Dois exemplos destacados deste uso estão ligados ao jejum do Dia da Expição em Levítico 23:27-32 e à intercessão de David acompanhada por jejum que é descrita no Salmo 35:13.

Levando em conta estes quatro termos, podemos concluir que, no Antigo Testamento, “jejum” referia-se à abstinência temporária de alimentos e à humilhação perante Deus, a fim de demonstrar tristeza ou de buscar o favor divino.

O Novo Testamento usa três palavras gregas, todas com o mesmo radical, a fim de significar “jejum”: *nesteuô* (usada 21 vezes), *nesteia* (oito vezes) e *nestis* (duas vezes). Todas elas podem ser traduzidas literalmente como “deixar de comer”; porém, o contexto revela-nos que essas palavras são empregadas para se referir a um rito ou a uma prática religiosa.

Nos tempos do Novo Testamento, o jejum tinha-se tornado, para muitos, mais num rito

para demonstrar piedade do que numa forma de se aproximar de Deus (Luc. 18:10-12). Não havia alegria no jejum que praticavam, conforme evidencia a repreensão que Jesus dirigiu àqueles que intencionalmente chamavam a atenção para o jejum que faziam (Mat. 6:16-18).

Jesus e a Igreja do século I promoveram o jejum com um propósito. Para Cristo, o jejum é uma experiência íntima e pessoal com Deus, feita de forma individual ou coletiva, a fim de reunir forças para a batalha espiritual (Mat. 4:2; Mar. 9:29). A Igreja primitiva continuou a jejuar dessa maneira e também o fazia quando os seus líderes eram consagrados ao Senhor (Atos 14:23).

O que é

Na Bíblia, jejum é privar-se de comida e bebida, a fim de se concentrar no crescimento espiritual (Mat. 17:21; Atos 9:9), na oração (Dan. 9:3), na consagração (Atos 14:23), no livramento (Ester 4:16; Sal. 109:24), em festas coletivas (Lev. 23:26-32), na solução de um conflito (Juízes 20:26), no arrependimento (Deut. 9:18; Jonas 3:5), no luto (I Cró. 10:12), na súplica (Joel 1:14; II Sam. 12:16) ou na busca da vontade de Deus (Atos 13:2).

O jejum não é visto na Bíblia somente como uma prática individual, mas também como um exercício coletivo realizado pela nação inteira ou por toda a comunidade de fé. Dias de jejum faziam parte do luto por um falecimento, como fez Israel após a morte do rei Saul (I Cró. 10:11 e 12), ou em períodos de grande crise, fome e invasão (Joel 1:14; II Cró. 20:3). Os dias nacionais de jejum aumentaram durante o período pós-exílio, a fim de lembrar a destruição do templo e os acontecimentos que levaram ao exílio. Ainda assim,

NA BÍBLIA, JEJUM É PRIVAR-SE DE COMIDA E BEBIDA, A FIM DE SE SE CONCENTRAR NO CRESCIMENTO ESPIRITUAL, NA ORAÇÃO, NA CONSAGRAÇÃO, NO LIVRAMENTO, EM FESTAS COLETIVAS, NA SOLUÇÃO DE UM CONFLITO, NO ARREPENDIMENTO, NO LUTO, NA SÚPLICA OU NA BUSCA DA VONTADE DE DEUS.

na Bíblia, o jejum solitário é mais comum do que o coletivo.

Embora o jejum normalmente se refira à abstenção de comida e bebida por um período específico, alguns indivíduos podem procurar uma definição mais elevada de jejum, incluindo nele hábitos de estilo de vida. Na atualidade, os itens de um jejum não alimentar podem incluir a abstinência do uso das redes sociais, abstenção de fazer compras, redução das horas de sono, abstenção de práticas desportivas, de sexo ou de qualquer outra atividade que possa distrair a pessoa de se concentrar totalmente em Deus.

Em muitos casos, o objetivo é abrir mão de algo com o propósito de se aproximar de Deus. Eu, Kristy, tenho o costume de separar um período de cada ano para um jejum limitado (que dura entre 3 e 40 dias). Quando estou a jejuar, não só me abstenho de algo, mas também acrescento outro elemento. Por exemplo, ao “jejuar” da minha hora costumei-me de acordar, levanto-me uma hora antes e uso esse tempo para

um momento a sós com Deus e para uma meditação devocional mais profunda. Quando vem o desejo de comer determinados alimentos, isso torna-se num lembrete para orar pedindo a bênção e a orientação de Deus. “É como amarrar um cordel no dedo para se lembrar de Deus”, observa Lynne Baab, em *Fasting: Spiritual Freedom Beyond Our Appetites* (IVP, 2006). Um espírito de renovação acompanha tais períodos de jejum.

O jejum sem nos concentrarmos em Deus significa meramente que deixamos de comer. “O propósito [do verdadeiro jejum] é notar todas as coisas falsas que não transmitem vida e às quais nos apegamos, e fazer uma tentativa intencional de nos apegarmos aos caminhos de Deus”, acrescenta Lynne Baab. Logo, o propósito do jejum é desenvolver o nosso relacionamento com Deus e aprofundarmos a nossa vida de oração.

No Salmo 63:1-5, temos a demonstração de que buscar Deus de todo o coração e louvá-lo podem levar a uma satisfação que nenhum alimento é capaz de trazer. “Ó Deus, tu és o meu Deus, eu te busco intensamente; a minha alma tem sede de ti! Todo o meu ser anseia por ti, numa terra seca, exausta e sem água. [...] A minha alma ficará satisfeita como quando tem rico banquete; com lábios jubilosos a minha boca te louvará.” Cristo, o Pão da Vida e o Dom do Céu, satisfaz plenamente as nossas necessidades e conduz à vida eterna (João 6:32-38).

Ellen G. White incentivou os Cristãos a jejuarem, considerando a abstenção de alimento uma forma de se concentrar no crescimento espiritual. “Homens e mulheres precisam de pensar menos sobre o que comer e o que beber, com relação a alimentos

temporais, e muito mais com respeito ao alimento do Céu, que dará tono e vitalidade a toda a experiência religiosa (*Conselhos sobre o Regime Alimentar*, p. 90).

Essa é a motivação de Denise [a esposa de Joseph Kidder], quando pratica o jejum regular. Para ela, o agendamento regular de períodos de jejum está ligado ao desejo de pedir a Deus nada menos do que uma ligação mais profunda com Ele. A fome que ela sente do Senhor e a proximidade da Sua presença de que desfruta enquanto jejua acompanham-na por muito tempo depois que o jejum em si termina.

Todos podem abrir mão de algo, temporariamente, a fim de se aproximarem de Deus. Ao escolhermos ir contra os nossos desejos humanos, abrimos espaço para o crescimento pessoal e espiritual. O jejum tira a nossa atenção de nós mesmos e redireciona-a para o Céu.

O que não é

Por vezes, a disciplina espiritual do jejum é incompreendida ou usada de forma contrária à vontade de Deus. A fim de entender o que é o jejum, também é prudente analisar o que ele não é.

Jejum não é coerção. Não se trata de forçar o braço de Deus. Não é uma espécie de greve de fome espiritual que obriga o Senhor a fazer a nossa vontade. Deus explica isso em Isaías 58:3 e 4. Nessa época, os atos de jejum não eram praticados com a humildade do coração. Em vez disso, a intenção era forçar Deus a uma ação que o povo não merecia. “Eles jejuavam apenas para garantir o favor de Deus e para assegurar a aprovação dos seus atos maus, como se a abstinência de alimento fosse mais importante para Deus do que afastar-se da iniquidade” (*Comentário Bíblico Adventista*, vol. 4, p. 325).

A atitude é fundamental no que diz respeito ao jejum. Um grupo de mais de 40 Judeus, segundo Atos 23:12-15, tomou a decisão de jejuar até ter sucesso na sua conspiração para matar Paulo. Eles não desejavam fazer a vontade de Deus, mas sim alcançar os seus objetivos egoístas. O jejum tem a intenção de mudar as pessoas que jejuam, não o Senhor.

Jejum também não é penitência. Deus concede o perdão dos nossos pecados sem nenhuma exigência além da confissão e do arrependimento (I João 1:9). Contudo, houve um tempo na história da Igreja em que o jejum esteve ligado a uma teologia legalista e às obras meritórias. Esta ideia antibíblica usava o jejum como meio de provar a Deus que o indivíduo era digno de ser perdoado, além de ser um meio para a pessoa se castigar. Este falso conceito de jejum persiste em algumas ramificações do Cristianismo contemporâneo.

Há pessoas que praticam o jejum como forma de punir o corpo por ter pecado ou para forçá-lo à submissão. O jejum como penitência não é equivalente à noção bíblica de jejum por arrependimento (Jonas 3:5-9). O arrependimento é o sinal de um coração contrito e o desejo de se afastar do pecado, ao passo que a penitência é um castigo infligido sobre si mesmo com o propósito de obter o favor divino. A penitência concentra-se no passado egoísta do indivíduo; já o arrependimento foca-se no futuro da pessoa, o qual é controlado por Deus.

Portanto, não devemos privar-nos de alimentos para nos punirmos ou para conquistarmos o favor de Deus por intermédio de Jesus. Somos “justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus” (Rom. 3:24; cf. Rom. 5:1).

JESUS DISSE: “NEM SÓ DE PÃO VIVERÁ O HOMEM, MAS DE TODA A PALAVRA QUE PROCEDE DA BOCA DE DEUS” (MAT. 4:4).

Propósitos e benefícios

O jejum é uma disciplina física e espiritual que desenvolve os nossos músculos da fé para podermos resistir a provas maiores que surgem no nosso caminho. O jejum é mais do que um mero treino espiritual de autocontrole. Ao longo da história cristã, as pessoas têm partilhado experiências espirituais positivas relacionadas com o jejum e com o papel deste na manutenção de uma vida espiritual equilibrada.

Um dos principais motivos bíblicos para jejuar é desenvolver uma caminhada mais íntima com Deus e reconhecer a necessidade que temos d'Ele. Vemos isso no jejum do povo de Nínive, que marcou o seu arrependimento (Jonas 3). Quando tiramos os olhos das coisas deste mundo, conseguimos concentrar-nos melhor em Cristo. A consciência das nossas necessidades físicas lembra-nos das nossas necessidades espirituais. Jesus disse: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus” (Mat. 4:4). O jejum faz-nos recor-

dar que conseguimos sobreviver sem a maioria das coisas por um tempo, mas não sem Deus.

Praticado por muitas pessoas do Antigo e do Novo Testamentos, o jejum era valorizado. Moisés jejuou por, pelo menos, dois períodos de 40 dias (Êxo. 24:18; 34:28; Deut. 10:10). Jesus jejuou por 40 dias (Mat. 4:2) e lembrou os Seus seguidores de que deveriam jejuar, pois disse-lhes: “quando jejuarem” (Mat. 6:16). David jejuou durante sete dias (II Sam. 12:16-18). Mardoqueu, Ester e as suas servas jejuaram durante três dias (Ester 4:16). E toda a nação jejuava (“afligia a sua alma”) no Dia da Expição (Lev. 23:26-32).

Igualmente, com base na experiência dos personagens da Bíblia, vemos uma variedade de motivos para jejuar.

O jejum, aliado à oração, é um meio que pode ser usado para se buscar e se encontrar um relacionamento mais alegre e mais íntimo com Deus. “Agora, porém, declara o Senhor, voltem-se para mim de todo o coração com jejum, lamento e pranto. Rasguem o coração, e não as vestes” (Joel 2:12 e 13).

O jejum é usado na Bíblia como meio de se humilhar perante Deus (I Sam. 7:6; Esd. 8:21). David disse: “humilhei-me com jejum” (Sal. 35:13).

O jejum permite a atuação do Espírito Santo, revelando a verdadeira condição espiritual do coração (Deut. 8:3; I Reis 21:27).

O jejum transforma a oração numa experiência de adoração mais significativa e mais pessoal (Luc. 2:37 e 38).

O jejum pode dar coragem para se fazer o que é correto em momentos de angústia. Ester jejuou e pediu às pessoas ao seu redor que jejuassem enquanto se preparava para comparecer diante do rei sem ter sido chamada. Essa visita poderia custar-lhe a vida, mas, em vez disso, salvou o seu povo da destruição (Ester 4:16).

Jejum e ministério podem andar lado a lado. Jesus jejuou no início do Seu ministério terreno (Luc. 4:1 e 2). Paulo jejuou logo após o seu encontro com Cristo na estrada de Damasco (Atos 9:9). Elias jejuou para ouvir a voz de Deus mais uma vez (I Reis 19:8). Oração e jejum faziam parte do processo de imposição de mãos antes do envio de missionários e da nomeação de líderes na Igreja primitiva (Atos 13:3; 14:23). Com frequência, os profetas jejuavam em favor do povo (Dan. 9:1-19).

Jejum e oração encontram-se fortemente ligados na Bíblia (Luc. 2:37; 5:33). Quando se jejuava, passa-se por uma experiência de humildade. Encontra-se mais tempo para orar e buscar a face de Deus. À medida que Ele nos leva a reconhecermos pecados não confessados e a arrependermos-nos, desfrutamos de bênçãos especiais da parte de Deus.



O jejum pode ser parte integral da jornada espiritual, ajudando a nutrir a alma. Além disso, ele prepara o caminho para o Espírito Santo trabalhar em nós, a fim de vencermos o pecado (Mat. 4:4). O jejum pode revelar coisas que ignoramos na nossa vida. Ele ajuda-nos a voltarmos o coração para Deus com mais intensidade.

Podemos lançar mão do jejum e da oração quando nos deparamos com decisões coletivas significativas, como, por exemplo, ao procurar-se um novo pastor, ao fazer-se escolhas sobre um projeto de construção ou ao iniciar-se uma grande campanha evangelística. O jejum também pode fazer parte de momentos pessoais de tomada de decisões, como, por exemplo, na procura de um novo emprego, nas vésperas do casamento ou antes de se fazer uma mudança.

O jejum pode ajudar-nos a superarmos desafios e problemas pessoais. Quando David foi falsamente criticado e acusado, buscou Deus com jejum e oração. Humilhou-se e orou pedindo justificação, em vez de retaliar (Sal. 35:13; 69:10; 109:24).

O jejum desempenha um papel crucial na oração intercessória. Ester pediu a todos os Judeus de Susã que jejuassem e orassem antes de enfrentarem o perigo de comparecer na presença do rei, a fim de suplicar pelo seu povo (Ester 4:16). Neemias jejuou e pediu perdão pelo povo de Deus (Nee. 1:4-11).

O jejum e a oração podem abrir as portas do Céu para salvar o povo de Deus da perseguição. Sempre que o povo de Deus é ameaçado, sempre que a proclamação do Evangelho enfrenta perseguição, o jejum e a oração devem ser um envolvimento apropriado e uma resposta adequada da parte da comunidade cristã.

Enfim, jejuar, pedindo a intervenção de Deus, quando as pes-

soas estão desesperadas, é uma prática bíblica. O jejum é capaz de trazer um tom de urgência às nossas orações, embora ele nem sempre garanta uma resposta favorável. Aqueles que aliam a oração ao jejum revelam a Deus o fervor das suas súplicas.

Do jejum ao banquete

A Bíblia apresenta o jejum como algo bom, proveitoso e benéfico. Jejuar não é simplesmente ficar sem comer, mas é, sim, tirar o foco deste mundo e banquetear-se com as coisas de Deus. Quando jejuamos, reconhecemos que estamos comprometidos com a busca de uma melhoria no nosso relacionamento com Deus e isso ajuda-nos a obtermos uma nova perspectiva sobre Deus e uma aliança renovada com o Senhor.

O jejum deve ser feito em espírito de humildade e de alegria. Ao longo da Bíblia, Deus repreendeu Israel por ter uma ideia equivocada sobre o jejum. Em vez de ser uma forma de se humilhar perante o Criador, o jejum passou a ser visto como demonstração de espiritualidade. Jesus corrigiu este falso ponto de vista (Mat. 6:6-18).

Nos tempos de Jesus, era costume jejuar às segundas e às quintas-feiras, que eram dias agitados de feira. Era comum ver aqueles que jejuavam modificarem de maneira deliberada a aparência, a fim de exibir a sua espiritualidade perante as multidões. A tentativa de exagerar a humildade era, na verdade, uma exibição de orgulho e de pretensão.

O jejum também deve ser uma expressão de “apetite” ou de “fome” por Deus. O primeiro livro de Samuel dá um exemplo de jejum destinado a despertar um reavivamento entre o povo de Deus (I Sam. 7:6). Israel sabia que necessitava de uma reconversão espiritual e voltou-se para Deus com

arrependimento e jejum. Meras palavras não bastavam: o jejum veio para demonstrar a sua sinceridade.

Seguindo os exemplos bíblicos, os primeiros Adventistas jejuavam e oravam pedindo o reavivamento. Ao falar a um grupo de Adventistas do Colorado, Ellen G. White fez esta poderosa declaração: “É vosso privilégio receber mais do Espírito de Deus quando se envolvem em jejum e oração fervorosa. É preciso aceitar as promessas e garantias de Deus e reivindicá-las pela fé” (*Review and Herald*, 13 de janeiro de 1910).

Enquanto pastoreava uma pequena igreja com cerca de 40 membros, comecei a orar e a jejuar intencionalmente pelo crescimento dessa igreja. A minha mulher e eu separámos todas as segundas-feiras para oração e jejum. Também incentivei os membros a participarem da forma que pudessem. Com oração, jejum e testemunho ativo, o número de membros cresceu de 40 para 500 em cerca de oito anos. Onde há oração, testemunho ativo e jejum fervoroso focados no crescimento, a Igreja cresce.

O jejum não é ocasião para cairmos no orgulho, característica dos fariseus. Pelo contrário, o verdadeiro jejum, no sentido bíblico, deve gerar humildade e uma vida espiritual marcada por oração e constante busca da face de Deus. A consciência ampliada da grandeza de Deus e do Seu amor costumam acompanhar a experiência do jejum. A adoração é ampliada, o relacionamento com Cristo é fortalecido, a comunhão uns com os outros torna-se significativa e vital. Essa é a recompensa do jejum genuíno. †

Joseph Kidder e Kristy L. Hodson
Teólogos.

Adaptado da *Revista Adventista* brasileira de fevereiro de 2017.

O JEJUM TIRA
A NOSSA ATENÇÃO
DE NÓS MESMOS
E REDIRECIONA-A
PARA O CÉU.

COMO PREPARAR- -SE PARA O JEJUM

O jejum genuíno, cheio do Espírito Santo, exige uma preparação intencional. Sugestões:

- Consulte o seu médico antes de dar início a um jejum.
- Examine as suas intenções (Isaías 58:3-7).
- Entregue a sua vida inteiramente a Jesus como seu Senhor e Salvador (Romanos 12:1 e 2).
- Peça a Deus que lhe revele os seus pecados (Salmo 19:12).
- Confesse os seus pecados (I João 1:9).
- Peça perdão àqueles que ofendeu (Marcos 11:25; Lucas 17:3 e 4).
- Peça a Deus que o encha com o Espírito Santo (Efésios 5:18).





MEET-IR 2017

Paulo Sérgio Macedo
Departamento de Liberdade
Religiosa da UPASD

Pelo segundo ano consecutivo, realizou-se o MEET-IR, Encontro Inter-Religioso de Jovens, entre os dias 11 e 14 de julho, na cidade de Palmela.

Este encontro, organizado pela agência governamental Alto-Comissariado para as Migrações, tem o apoio do Grupo de Trabalho Inter-Religioso, do qual faz parte a Igreja Adventista do Sétimo Dia. O seu objetivo é colocar em contacto jovens, entre os 18 e os 24 anos, no sentido de darem a conhecer as suas comunidades e entrarem em contacto com membros de outras comunidades com presença em Portugal. Este ano, para além das atividades sociais e recreativas, o grupo formado por 18 jovens de oi-

to comunidades religiosas diferentes prestou também serviço voluntário em instituições de solidariedade social, apoio à pobreza e às crianças em risco do Distrito de Setúbal. Foi ainda preparado e assinado pelos jovens um texto comum, sobre as preocupações com a pobreza, a injustiça, a ecologia, entre outros temas, a ser entregue oportunamente a entidades oficiais.

Os jovens representantes da comunidade Adventista do Sétimo Dia foram a Olívia Santos, da igreja do Fundão, a Madalena Rascão e o Tiago Dias, da igreja da Amadora. O Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos agradece a disponibilidade destes queridos jovens, bem como a forma empenhada e simpática como representaram a Igreja. Este tem sido um projeto que, não comprometendo os princípios e as orientações da Igreja sobre relacionamento com outras



crenças, tem valorizado o conhecimento e a experiência de jovens Adventistas sobre a diversidade religiosa do nosso país, ao mesmo tempo que, de uma forma aberta e amigável, dá a conhecer quem somos através do encontro com jovens de outras crenças.

Testemunhos

“O MEET-IR foi uma experiência enriquecedora, pois pude partilhar com outros jovens aquilo em que acredito enquanto Adventista do Sétimo Dia. Eles escutaram e demonstraram bastante interesse, sem qualquer preconceito. O que me impressionou foi o facto de não ter visto nenhum julgamento negativo da parte deles. Acredito que ficou uma pequena semente no coração destes jovens, em particular naqueles que admiravam tanto a minha postura como a da Madalena e a do Tiago. Para além do nosso testemunho, ainda pudemos cantar com

eles a música “Amar é fazer amigos”. Quem sabe se, deste encontro, levamos amigos para a eternidade!” – Olívia Santos

“Este foi um encontro que, apesar de não ter como base uma experiência espiritual, se revelou uma oportunidade para compreender, na prática, o que é o respeito e o amor pelo próximo. Percebi que, quando procuramos relacionar-nos com os outros, o que nos chama a atenção é a semelhança, em detrimento das diferenças. Há pelo menos três pilares que aproximam as religiões: o amor ao próximo, o serviço e a relação com o ambiente. Aprendi que relacionar-me com pessoas de outras comunidades religiosas não significa perder a minha identidade religiosa e que o conhecimento mútuo é a chave para um convívio em serenidade. Não é de espantar que Jesus Se relacionasse com todos – na verdade não é Ele conhecedor de todas as coisas?” – Madalena Rascão

CERIMÓNIA BATISMAL NA IGREJA DE GUIMARÃES

Francisco Moreira
Diácono da IASD Guimarães

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” II Coríntios 5:17.

No sábado 22 de julho de 2017, a igreja Adventis-

ta do Sétimo Dia de Guimarães acolheu um novo membro através da imersão nas águas batismais. De acordo com o desejo do André de ser batizado na Natureza, tal como o seu pai, o batismo ocorreu na Cascata de Pincães, no Parque Nacional da Peneda Gerês. Apesar do percurso que liga a aldeia de Pincães à cascata ser difícil para algumas pessoas, a oportunidade de presenciar o batismo naquele local falou mais alto a todos os que se deslocaram cedo naquela manhã de sábado

para assistir a esta cerimónia. O jovem André Soares tinha já demonstrado a sua intenção de se dedicar ao serviço do Senhor no momento de apelos feitos em batismos anteriores na igreja de Guimarães. Desde muito novo, teve a possibilidade de aprender sobre Jesus através dos ensinamentos dos seus pais. É um privilégio nascer num lar cristão e, tal como o André, poder ser instruído desde muito cedo no caminho do Senhor. A igreja Adventista do Sétimo Dia de Guimarães está feliz



por receber este novo membro e espera que ele, com a ajuda de todos, possa crescer na fé e corresponder ao chamado de Deus.



NOTÍCIAS DA IGREJA DE SACAVÉM

Eurico Vidro

Obreiro jubilado e Primeiro Ancião da IASD de Sacavém

O quinquénio de 2012-2017, com o mote “Chamados para servir”, foi fechado com chave de ouro na igreja de Sacavém. No passado dia 22 de abril de 2017, sete neófitos (Letícia, Marcos, Ricardina, Maria Antónia, Idácio, Davidson e Máximo da Conceição) selaram o seu compromisso com Cristo, descendo às águas batismais. Houve ainda uma admissão por profissão de fé, a do jovem Valdo. Depois de, no mês de novembro de 2016, termos assistido ao

batismo de nove candidatas, mais uma vez a igreja de Sacavém vibrou e rejubilou com estes batismos, que nos trouxeram muita alegria. Rogamos a Deus que este exemplo seja um incentivo para todos aqueles que se levantaram após o apelo, mas que ainda estão no vale da decisão.

É de ressaltar que, durante este quinquénio, pela graça de Jesus, pela mão do seu pastor, Enoque Nunes, e através do envolvimento do obreiro bíblico jubilado, Eurico Vidro, foram muitas as pessoas que se juntaram à igreja de Sacavém, quer através do batismo, quer por profissão de fé. Outras tantas continuam a estudar a Bíblia na classe permanente de estudo ou através do estudo nos lares. Verificámos tam-

bém o envolvimento dos anciãos, irmãos e jovens no trabalho evangelístico sistemático, seguindo o modelo de Jesus. O crescimento de 83% desta igreja ao longo deste quinquénio suscita novos desafios: as atuais instalações da IASD de Sacavém tornaram-se exíguas para o funcionamento normal das atividades da igreja, devido ao número de membros e visitas. As atuais instalações localizam-se num dos bairros mais problemáticos do Distrito de Lisboa, a urbanização Terraços da Ponte, a que muitos continuam a chamar Quinta do Mocho, em Loures. Esta área é habitada por cerca de 3500 pessoas, a maioria oriunda de países africanos. Um terço dos moradores da Quinta do Mocho é de nacionalidade

angolana, mas há também neste bairro moradores originários de São Tomé, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e famílias provenientes da Europa de Leste. Segundo fonte autorizada da Câmara Municipal de Loures, “os conflitos sociais devem-se, sobretudo, ao baixo nível cultural de educação, aos elevados níveis de desemprego, aos problemas de inclusão, à grande comunidade imigrante proveniente dos PALOP, à imigração nacional que sai dos campos para as cidades e à imigração de Leste”. Pelo exposto, urge construir um centro educacional, onde se possam oferecer serviços que promovam o desenvolvimento das faculdades físicas, mentais e espirituais dos habitantes deste bairro.

Antes de lançarmos a primeira pedra, convidamos aqueles que nos leem a juntarem-se a nós, intercedendo junto do trono de Deus para que o Senhor nos conceda meios para que este projeto possa avançar. Que o nome do Senhor, nosso Deus, seja louvado, porque todo o mérito é para o Espírito Santo, que tem tocado e conquistado o coração destas almas para Jesus. ✨



A IGREJA DE SINTRA BATIZA NO RIO!

Fátima Faria

Diretora de Jovens da IASD de Sintra

Foi uma linda e emocionante cerimónia batismal, na Foz do Rio Lizandro, no

magnífico dia 18 de junho de 2017, com uma temperatura especial presenteada

pelo Criador da Natureza. A sensibilidade do Pr. Daniel Bastos, que conduziu este batismo, e a Palavra do Senhor, por ele transmitida nas margens daquele rio, tocaram o coração dos mais jovens e dos adultos que assistiram ao batismo da Marta Manata do Outeiro, uma profissional de saúde de 23 anos. A sua aceitação de Cristo como Senhor da sua vida foi um belo testemunho público, perante mais de meia centena de convidados: familiares, colegas, amigos e irmãos de igreja. A grande

maioria dos presentes assistiu pela primeira vez a um batismo por imersão.

A passagem bíblica que levou a Marta a tomar esta decisão foi a de Mateus 28:16-20, realçando-se a parte final do texto: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém.” Seguiu-se a sua aceitação como membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, no templo adventista de Cascais, onde também tomou a palavra o Pr. Rogério Fernandes. Deus seja louvado! ✨



DOIS NOVOS MEMBROS DA IGREJA DE SACAVÉM

Departamento de Comunicação IASD de Sacavém

No dia 26 de julho do corrente ano, perto do meio-dia, a Dânia e o Máximo, dois jovens, manifestaram publicamente a vontade de caminharem com firme dedicação ao lado do Salvador. Foi oficiante o Pr. Enoque Nunes, ministro de culto da IASD de Sacavém, que transmitiu uma mensagem de esperança, meditando sobre o tema: “O caminho da salvação na Epístola aos Romanos.”

A congregação rejubilou de alegria ao testemunhar que a natureza do “velho homem”, até ali dominada pelo pecado, era agora substituída na Dânia e no Máximo pelas

vestes da justiça de Jesus Cristo, que passou a cobri-los, fazendo deles novas criaturas, lavadas e purificadas pelo Seu sangue.

Após a entrega dos respectivos diplomas, que documentam o solene ato batismal e comprovam a aceitação dos novos membros pela igreja, os dois jovens foram presenteados com a pasta de boas-vindas e com dois ramos de flores e, por fim, muito cumprimentados por todos quantos foram testemunhas presenciais da sua entrega a Jesus Cristo, para uma vida renovada e útil à Causa. 🙏



BATISMO NAS PAIVAS

Miriam Leandro
Igreja das Paivas

É com grande alegria e regozijo que informamos a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal sobre o batismo da nossa irmã Edna Marcelino da Silva,

que se realizou na igreja Adventista do Sétimo Dia das Paivas, no dia 15 de julho de 2017, pelas 16:00 horas. A cerimónia foi conduzida pelos pastores Justino Glória e Augusto Fernandes, tendo sido o Pr. Justino Glória a batizar a nossa irmã. Foi com a certeza de que Deus sempre a guiará que a irmã Edna tomou a decisão de abraçar o Evangelho eterno. Nela

se concretizou a promessa transmitida pelo profeta Ezequiel: “E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardéis os meus juízos, e os observeis.” Ezequiel 36:26 e 27. 🙏



BATISMOS EM CANELAS

Rúben Poças HOPE Portugal | IASD de Canelas

No dia 5 de agosto de 2017, em Canelas, a igre-

ja teve a honra de batizar três novos membros: Maria

Clara, Orlindo e Mariana. O pastor Jorge Machado, no seu último sábado em Canelas, apresentou à igreja uma mensagem batismal, na qual mencionou a importância de apoiarmos os nossos irmãos nas suas caminhadas espirituais. Com um estado de espírito solene e grato, os membros e as visitas presentes puderam receber no seu seio, mediante o batismo por imersão, três novos membros da igreja Adventista do Sétimo Dia de Canelas. “Quando homens e mulhe-

res aceitam a verdade, não devemos retirar-nos e deixá-los, sem sentir mais nenhuma responsabilidade por eles. Eles devem ser velados. Cumpre-nos ter na alma uma preocupação por eles, e cuidar deles como mordomos que por eles têm de prestar contas. Então, ao falardes ao povo, dai a cada homem a sua devida porção de alimento ao tempo devido; mas precisais encontrar-vos em situação em que vos seja possível distribuir esse alimento.” – Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 345. 🙏

DESCANSOU NO SENHOR



Nídia Pereira
Igreja de Sintra

No dia 14 de junho de 2015 faleceu **Isabel Maria da Costa Pereira**, profissional de saúde e membro ativo da igreja de Sintra. O seu país e a sua irmã ainda sentem muito a partida deste

coração de ouro, que ajudou muitas pessoas a recuperarem dos seus problemas de saúde, e que marcou, de modo positivo, a vida de muita gente. Foi uma guerreira, debatendo-se, durante oito anos, com uma doença prolongada. Foi uma mulher de fé e coragem, mantendo a qualidade de vida e estando sempre ao serviço dos outros, com muito amor e dedicação, graças a Jesus, que faz milagres. Grande foi também o testemunho que deu no hospital, nos dois meses de internamento. Foi uma terrível bactéria hospitalar, multirresistente aos

antibióticos, que a levou a fechar os seus olhos, de cansaço. Resta-nos a esperança de, um dia, nos encontrarmos na pátria celestial, graças aos méritos de Cristo.

Agradecemos muito o apoio dos sete pastores presentes na cerimónia fúnebre (António Rodrigues, Samuel Aires, Ilídio Carvalho, Enoque Nunes, Rogério Fernandes, Hortelinda Gal e Ezequiel Quintino), bem como o apoio dos familiares, dos amigos de perto e dos que vieram de longe, assim como o apoio dos demais irmãos de igreja. Foi uma cerimónia ímpar, conduzida pela

sensibilidade dos pastores Ezequiel Quintino, Rogério Fernandes e Hortelinda Gal, com belas mensagens, que tocaram o coração dos presentes e, em particular, os de quem assistiu pela primeira vez a um funeral Adventista. Os nossos agradecimentos também aos profissionais do canto, que nos conduziram na música e na letra do precioso hino "Em Tuas Mãos". Alguns amigos da Isabel disseram que, quando chegasse a vez deles, gostariam de ter um funeral assim! Que o bom Deus nos inunde de fé e nos conduza rumo às Suas mansões celestiais. ✨

NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

Reverter a Doença com a Medicina do Estilo de Vida

Partilhando saúde, cura e esperança



2º Congresso Europeu de Saúde
Bucareste, Roménia | 17 - 21 Abril 2018

SAVE THE DATE!





AMEAÇAS À LIBERDADE RELIGIOSA

ANN/RA

O VIII Congresso Mundial da *International Religious Liberty Association* (Associação Internacional para a Defesa da Liberdade Religiosa) foi inaugurado com um apelo para que se estenda a liberdade religiosa a todos os seres humanos do nosso mundo. No dia 22 de agosto, dia da abertura do Congresso da IRLA, realizado em Fort Lauderdale, Florida, EUA, foi apresentado um relatório sobre a liberdade religiosa ao redor do mundo pelo sociólogo Brian J. Grim, que está afiliado ao centro de estudos religiosos *Pew Forum*.

Perante 600 defensores da liberdade religiosa provenientes de 65 países, Grim declarou que 40 por cento dos países do mundo apresentam restrições elevadas à liberdade religiosa ou à liberdade de consciência. Dado que muitos destes países são nações populosas, conclui-se que cerca de 5,9 bilhões de pessoas estão sujeitas às referidas restri-

ções. Isto significa também que, comparando-se com 2007, em 2015 mais de 1,1 bilhão de pessoas estava a ser cerceado do seu direito à liberdade religiosa. Estas restrições provêm de duas fontes: a ação política dos governos e a pressão social.

O número de Estados que perseguem ou intimidam os seus cidadãos por motivos religiosos subiu de 118, em 2007, para 157 em 2015. O número de Estados que usam a força física contra os cidadãos por causa da religião subiu de 61, em 2007, para 106 em 2015, e o número de Estados que interferem no culto religioso dos respetivos cidadãos cresceu de 112, em 2007, para 146 em 2015.

Na área das restrições impostas pela pressão social pode-se concluir que 27 por cento dos países do mundo apresentam restrições sociais elevadas, que atingem 4,1 bilhões de pessoas, isto é, 54 por cento da população mundial.

Os ataques contra pessoas acusadas de ofenderem a fé maioritária do seu país tinham-se manifestado em 48 países, em 2007, mas em 2015 manifestaram-se em 89. A imposição pela força de normas religiosas estava presente em 35 nações, em 2007, e passou a estar presente em 73 nações em 2015. No que toca ao terror religioso, como o promovido pelo *DAESH*, ele afetava 60 nações do mundo em 2007 e passou a afetar 78 nações em 2015.

No entanto, apesar deste cenário negro, Grim afirma que há razões para se ter esperança. Atualmente, 83 por cento dos países do mundo têm iniciativas para reduzir as restrições religiosas e 56 por cento são palco de iniciativas inter-religiosas. Além do mais, 38 por cento dos países têm programas para combater a discriminação religiosa.

Ganoune Diop, Secretário-Geral da IRLA e Diretor do Departamento de Liberdade Religiosa da Conferência Geral, reiterou a convicção de que “a liberdade religiosa é um princípio de dignidade para a Humanidade.

A IRLA está comprometida com a missão de tornar este mundo num lugar melhor para milhões de seres humanos, num lugar onde as pessoas possam experimentar a liberdade de consciência, a liberdade de crença e a liberdade de expressão”. Ao recordar as realizações da IRLA nos últimos cinco anos, Diop lembrou aos participantes no Congresso que a instituição que ele lidera tem participado no debate público mundial, tem-se empenhado em fóruns internacionais de defesa da liberdade religiosa e da paz, tem patrocinado reuniões com especialistas universitários e tem ajudado as pessoas a compreender melhor o que significa a liberdade religiosa. “Todos os anos incentivamos o mundo acadêmico a desenvolver uma cultura da liberdade religiosa, uma cultura dos direitos humanos”, disse Diop acerca do trabalho da IRLA, uma organização não governamental, não setária e sem fins lucrativos, fundada em 1893, e que possui associações nacionais em 80 países e correspondentes em 172 nações do mundo. 🌱



Quem não arrisca, não petisca!

Quando os aviões de caça a jato foram inventados, voavam muito mais rápido do que os aviões a hélice a que os pilotos estavam habituados. Mas, ainda assim, ambos os tipos de avião de guerra tinham um sistema de emergência de ejeção do piloto. Inicialmente, o sistema de ejeção era simples: carregar no botão, abrir a carlinga do avião e rolar para fora do assento, de maneira que o para-quedas que estava por detrás do assento pudesse abrir. Mas deixar a segurança do assento era algo mais fácil de dizer do que de fazer. Uma coisa era premir o botão de ejeção, outra muito diferente era abandonar a segurança do assento.

Durante vários testes realizados, descobriu-se que os pilotos agarravam-se ao assento durante a

ejeção, tornando impossível abrir o para-quedas situado nas suas costas. Todo o processo de ejeção segura estava perturbado, não por causa de problemas mecânicos, mas por causa da incapacidade que os pilotos tinham de, naqueles momentos desesperados, confiar no sistema desenhado para lhes salvar a vida. Quando foram construídos aviões mais rápidos e mais modernos, a necessidade de um sistema de ejeção mais avançado aumentou dramaticamente.

Como resultado deste problema, os novos aviões a jato foram equipados com um sistema de ejeção que forçava o piloto a sair do assento, ao mesmo tempo que disparava o para-quedas. Todo o processo de ejeção era constituído por um único movimento mecânico que lançava o piloto para

fora do avião, nada deixando à livre escolha do piloto. Agora os pilotos já não tinham qualquer problema em sair do assento do avião, porque eram literalmente forçados a fazê-lo.

Parece que os pilotos precisavam de algo que os forçasse a sair do seu assento. Também para nós, os momentos em que somos chamados a abandonar a nossa segurança e a confiar completamente em Deus são grandes momentos de fé. O sistema de ejeção de Deus não nos força a sair do nosso assento. O salto de fé requer que nos deixemos levar pela mão de Deus. O que acontecerá, se nos agarrarmos à nossa segurança? Lembra-te: “Quem não arrisca, não petisca!”

Retirado da revista *Guide*.



Evangelismo pela amizade

O que leva as pessoas a decidirem entregar o seu coração a Jesus? São as conferências evangelísticas? Os estudos bíblicos? Os eventos sociais? Os atos de bondade? Os relacionamentos? Qual é a interação-chave que leva alguém a Cristo? Ela acontece durante circunstâncias especiais ou ocorre durante os acontecimentos comuns da vida?

Cider, o cão poodle

Embora sua experiência religiosa tenha sido bastante eclética, quando Bobbie Moersch deixou o lar, aos 18 anos, tinha pouco interesse por Deus.

Mas, depois do casamento e do nascimento dos seus filhos, começou a frequentar esporadicamente a igreja Metodista local. Estas visitas à igreja eram esporádicas por causa das

mudanças frequentes de morada motivadas pela especificidade do trabalho do seu marido. Assim, a experiência de Bobbie com Deus era algo instável.

Por volta de meados da década de 1990, enquanto vivia em Niles, Michigan, Kathy Herbel e o seu marido visitaram o lar de Bobbie para comprar um cão. Bobbie criava cães da raça *poodle*, mas já tinha vendido todos os cachorros da mais recente ninhada. Mas como os Moersch tinham boa reputação como criadores de *poodles*, Kathy decidiu comprar um cachorro da ninhada seguinte. Kathy e a sua família queriam tanto ter um cachorrinho que visitavam frequentemente Bobbie para ver como decorria a gravidez da “mamã” cadela.

Os Herbel acabaram por comprar um pequeno *poodle* e chamaram-lhe Cider. A partir daqui

O EVANGELISMO NÃO É UMA ABORDAGEM OU UM ACONTECIMENTO ÚNICOS; O EVANGELISMO DEVE SER A EXPRESSÃO DE MÚLTIPLAS INFLUÊNCIAS QUE CRIAM A ATMOSFERA ADEQUADA PARA SE LEVAR GRADUALMENTE A PESSOA A DEUS.

Kathy e a sua família desenvolveram uma amizade com Bobbie que durou mais de uma década e meia.

Um dia, Kathy foi a casa de Bobbie e encontrou na entrada do pátio uma pilha de material para construir uma vedação. O marido de Bobbie tinha a doença de *Alzheimer* e tendia a vaguear pelo bairro. Mas Bobbie não tinha forma de construir a vedação. Assim, Kathy organizou um grupo de pessoas que frequentavam a igreja Adventista de Niles de modo a construir a vedação.

A família Herbel convidava frequentemente Bobbie e o seu marido para programas e atividades especiais da igreja de Niles e até se ofereceram para estudar a Bíblia com eles. Por vezes, o casal Moersch estava presente em eventos especiais na igreja, incluindo reuniões evangelísticas. Kathy orava por Bobbie durante os momentos de apelo, sabendo que ela estava a debater-se para tomar uma decisão. Kathy tinha a certeza de que Bobbie se levantaria do seu lugar e aceitaria Jesus, mas ela nunca o fez.

Irmãs no sofrimento

Quando o marido de Bobbie morreu, em abril de 2001, ela ficou zangada pelo seu marido a ter deixado sozinha e pôs as cul-

pas em Deus, afastando-se d'Ele. Embora o casal Herbel continuasse a convidá-la para ir à igreja, Bobbie inventava desculpas para não aceitar o convite. Ela tinha tendência para se isolar, mas Kathy e a sua mãe, LeAnne, continuaram ligadas a Bobbie, orando sempre por ela e ajudando-a sempre que podiam. Sendo enfermeira, Kathy por vezes agia como enfermeira privada da sua amiga.

Cristãos agressivos e intrometidos teriam levado Bobbie a desinteressar-se pelo Cristianismo. Mas os Herbel, que eram vizinhos próximos, eram gentis e amorosos no seu modo de testemunhar. De facto, as conversas iniciais de Bobbie com os Herbel não eram abertamente espirituais, mas ela percebeu de algum modo que eles eram Cristãos.

Mais tarde, Kathy e LeAnne oraram com Bobbie e visitaram-na quando estava doente. A relação tornou-se muito íntima. Bobbie sentia-se confortável ao abrir o seu coração a Kathy e a LeAnne. Ela chamava a LeAnne “o meu anjo” devido às suas orações e palavras de encorajamento. A partilha de pensamentos espirituais ocorria de modo natural e sincero.

Depois da morte do marido de Bobbie, Kathy também experimentou a perda de entes queridos da sua família, incluindo a do seu pai. Kathy e Bobbie foram-se aproximando à medida que se apoiavam e encorajavam mutuamente. Kathy estabeleceu relações com a família alargada de Bobbie, e chegou mesmo a fazer uma cruzeiro com Bobbie e as suas duas filhas.

Um processo, não um acontecimento

Finalmente, perto do fim de 2003, Bobbie começou a fre-

quentar esporadicamente a igreja Adventista de Niles. Em novembro de 2010, na festa de outono no ginásio da Escola Adventista de Niles, Bobbie sentou-se sozinha, enquanto observava as famílias divertindo-se e participando nos jogos da festa. O amor, a amizade, o sentimento de pertença que viu na vida dos membros da igreja impressionaram-na. Finalmente, em voz alta, Bobbie disse: “Eu quero ser parte desta Igreja!” O bem-estar relacional que ela experimentara na igreja criou nela um desejo de se tornar membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Algum tempo depois, Bobbie ficou doente e foi internada no hospital. Quando Kathy e LeAnne a visitaram, Kathy perguntou a Bobbie se ela queria tornar-se membro da igreja de Niles. Bobbie respondeu que sim, pois estava decidida a fazer isso. Que alegria e felicidade esta resposta trouxe a Kathy e LeAnne! Desde esse momento, Bobbie passou a frequentar regularmente a igreja de Niles.

Pouco tempo depois, sem saber que Bobbie já tinha decidido ser batizada, o pastor Bill Dudgeon perguntou-lhe se ela queria estudar a Bíblia com ele. Estes estudos bíblicos tornaram-se momentos preciosos na sua vida, à medida que Bobbie aprendia mais sobre Jesus, que a tinha amado e dela tinha cuidado durante todos aqueles anos. Os estudos bíblicos continuaram até setembro de 2011. No último dia de 2011, Bobbie foi batizada e tornou-se membro da igreja Adventista do Sétimo Dia de Niles.

Deus usou um *pooble*, paciência, oração, atividades sociais e a Sua Palavra para salvar Bobbie. Qual foi a influência-chave que levou Bobbie a entregar o seu coração ao Senhor e a unir-



-se à igreja de Niles? Nenhuma. Pelo menos quatro influências separadas levaram Bobbie ao momento da decisão: várias respostas à oração pedindo cura; o testemunho amoroso da família Herbel ao longo dos anos; atividades sociais; e a compreensão da verdade obtida em reuniões evangelísticas e em estudos bíblicos pessoais. O evangelismo não é uma abordagem ou um acontecimento únicos; o evangelismo deve ser a expressão de múltiplas influências que criam a atmosfera adequada para se levar gradualmente a pessoa a Deus.

Lições aprendidas

Eis algumas lições sobre evangelismo, confirmadas pela pesquisa, que podem ser retiradas da história de Bobbie:

1. *Aproveite as oportunidades.* Deus usou o desejo de terem um *poodle* para ligar pessoas crentes com alguém que estava em busca de Deus. Todos nós precisamos de procurar oportunidades para começar um relacionamento com alguém. Ore para que Deus lhe revele onde Ele está a trabalhar.

Jesus usou a Sua sede como um modo de alcançar a mulher samaritana junto do poço (João 4). Jesus usou a curiosidade de Nicodemos como caminho para a amizade (João 3). Paulo até usou ídolos como pretexto para construir uma ponte com os Atenienses (Atos 17). Ore para que o Senhor lhe dê olhos capazes de reconhecer possibilidades de relacionamento que levem pessoas a Jesus. Um poço, um copo de água, um ídolo pagão ou até a

compra de um *poodle* podem ser usados pelo Espírito Santo para alcançar corações.

2. *Intencionalidade.* Seja intencional na sua construção de amizades com as pessoas: conviva com elas; ame-as; satisfaça as suas necessidades; invista na vida delas.

Os membros da família Herbel não se limitaram a conhecer casualmente Bobbie; pelo contrário, eles amaram-na de modo autêntico. Quando ela estava no hospital, visitaram-na. Quando ela perdeu o marido, prantearam com ela e confortaram-na. Quando ela sofreu, choraram com ela e estiveram disponíveis para auxiliar. Quando ela estava feliz, regozijaram-se com ela. Ela esteve sempre nas suas orações.

3. *A maior parte das relações não se desenvolvem rapidamente.* Elas

requerem tempo, esforço e propósito. O evangelismo normalmente não dá fruto de um dia para o outro. Evangelismo não relacional é uma contradição lógica, diz-nos Ed Stetzer.¹

Vários estudos sobre a conversão duradoura de adultos mostram o seguinte:

- Ela dura em média cerca de três anos, durante os quais os conversos estiveram ocupados num processo de investigação pessoal sobre o Cristianismo.

- Em mais de 60% das conversões, um problema sério desempenhou um papel importante como estímulo para que o converso começasse a sua jornada de fé.

- Em mais de 70% das conversões, um relacionamento com um Cristão, que estava a orar pelo converso, foi o fator mais determinante – mais significativo do que ler a Bíblia, folhetos, livros ou ver vídeos. Os conversos acabaram por desejar ter aquilo que viram exemplificado na vida do seu amigo cristão.

- A maior parte das conversões acontece no contexto da comunhão da igreja, mais do que em isolamento.²

Isto sugere que qualquer modelo de evangelismo que não tenha por objetivo atrair as pessoas para relações verdadeiras e seguras com Cristãos provavelmente falhará. E dado que tais relações podem ser trabalhosas e demoradas, os Cristãos devem estar comprometidos a viver uma vida de fidelidade, autenticidade e integridade, partilhando intencionalmente Jesus, tanto por palavras, como por ações.

O que significa ser autêntico

Quando for apropriado, o Espírito Santo dir-lhe-á quando deve contar a sua história. Os Herbel ouviram o Espírito. Eles viveram a sua fé com alegria e empenho.



ALGUMAS PESSOAS TOMAM DECISÕES DE MODO RÁPIDO; OUTRAS LEVAM MAIS TEMPO. NUNCA DEVEMOS DESISTIR.

Falaram abertamente sobre a sua fé e sobre a sua Igreja. Jesus tinha feito muito por eles, pelo que eles estavam entusiasmados para contar a sua história.

Eis algumas sugestões para que se torne mais eficaz na partilha da sua fé:

1. Declare claramente que é Cristão no decurso das suas conversas normais.

2. Não hesite em falar sobre os benefícios e as bênçãos que resultam de se ser Cristão.

3. Quando for apropriado, dê glória a Deus quando falar acerca das boas coisas que experimenta na sua vida (mas evite ser excessivo, pois tal pode soar como algo artificial e hipócrita).

4. Não tente contar toda a sua experiência de uma só vez.

5. Faça perguntas. Procure primeiro compreender e, depois, ser compreendido. Torne as suas conversas diálogos, não monólogos.

6. Seja sensível às reações do seu interlocutor. Coloque-se no lugar dele.

7. Ao partilhar a sua fé, procure obter sabedoria de Deus através da oração (Tiago 1:5; Neemias 2:4).

8. Quando lhe for perguntado, explique o Plano da Salvação de modo simples e claro (Atos 18:24-26).

Tenha em mente que o seu propósito não é converter; está simplesmente a partilhar a sua experiência com Jesus. O tempo para um ensino formal sobre a Bíblia virá mais tarde.

Convide-os para a igreja

Sempre que for possível, convide amigos para as atividades da igreja. O melhor lugar para começar são as convidativas reuniões sociais da igreja. Foi numa dessas reuniões que Bobbie sentiu o desejo de fazer parte da igreja de Niles.

Também é importante notar que os Herbel não se sentiram envergonhados por trazer a sua amiga à Escola Sabatina e ao culto. O papel da igreja é o de oferecer um lugar seguro e prazenteiro para que as pessoas tragam os seus amigos. Isto ajudará os indivíduos convidados a sentirem-se parte do grupo ao conhecerem outros crentes na igreja.

Eis algumas sugestões relacionadas com as atividades sociais:

1. Inclua crentes nas suas atividades sociais, recreativas e laborais que envolvem amigos não crentes.

2. Convide os seus amigos não crentes para eventos na sua igreja local (o culto, a reunião de oração, reuniões de convívio, etc.).

3. Convide os seus amigos não crentes para estudos bíblicos no seu lar. Inclua nessas reuniões Cristãos e não-Cristãos.

4. Convide os seus amigos não crentes para as reuniões evangelísticas, para os grupos de estudo da Bíblia ou para as reuniões de pequenos grupos.

Seja paciente

Foram precisos 16 anos após o primeiro contacto de Bobbie com os Herbel para que ela fosse batizada. Os Herbel não ficaram desencorajados, nem desistiram. Algumas pessoas tomam decisões de modo rápido; outras levam mais tempo. Nunca devemos desistir. Passaram mais de três anos até que Nicodemos mostrasse publicamente a sua fé em Jesus.

Segundo os Herbel, a oração teve um papel fundamental na

conversão da sua amiga Bobbie. Eles oraram pela sua salvação, pela sua cura, pelo seu marido e pelo seu bem-estar geral. Os Herbel nunca viram Bobbie como um objeto, mas sim como uma amiga que eles amavam e apreciavam.

Jesus orou para que as pessoas que contactava fossem salvas e curadas. Algumas ficaram profundamente agradecidas e tornaram-se parte do seu grupo de discípulos. A oração pela cura parece ter sido uma porta de entrada para a mensagem de Cristo. A confiança cresceu e as pessoas ficaram preparadas para ouvir a mensagem do reino. Através da oração e dos relacionamentos, Jesus quer usar-nos para levar esperança, paz e propósito às pessoas na nossa esfera de influência.

Ambos os tipos de evangelismo funcionam: tanto o público, como o relacional. Até a compra de um *poodle* pode ser uma oportunidade para evangelizar. Imagine o que aconteceria, se partilhássemos a nossa fé com as pessoas da nossa esfera de influência: família, amigos, colegas, vizinhos.

Imagine pessoas no reino de Deus, partilhando a vida eterna com Jesus, apenas porque fomos empenhados em partilhar a nossa fé. Não seria bom gozar a eternidade com os nossos vizinhos e colegas, com os nossos familiares e amigos?

Veja as pessoas como filhos preciosos de Deus. Imagine os seus amigos no Céu, dizendo-lhe: "Obrigado! Estou aqui por tua causa!"

S. Joseph Kidder e David Penno
Teólogos.

Retirado da *Andrews Review*
de 19 de junho de 2014.

1. "Jesus' Methods: Befriending and Relationships", em www.internetevangelsmday.com. Consultado a 12 de abril de 2012.

2. *Ibidem*.

“**E**u não me sinto bem”, disse Mitch, ofegante e pálido. Um suor frio cobria-lhe a testa. “Sinto que vou desmaiar.”

Um cinto ao redor da sua cintura segurava as calças de um macacão cor-de-laranja; elétrodos ligavam o seu peito nu ao eletrocardiógrafo. A parte de cima do macacão abanava enquanto ele tentava desesperadamente acompanhar a passadeira a que estavam acorren-

tados os seus punhos. Era uma batalha perdida. Mitch quase caiu, com os braços esticados, à medida que a passadeira implacável o arrastava no sentido oposto ao das correntes. O Dr. James desligou a passadeira elétrica enquanto eu acionava o botão azul destinado a alertar

o pessoal capacitado para efetuar manobras de ressuscitação cardiotorácica. Os guardas prisionais entraram a correr na sala e libertaram Mitch das correntes, enquanto o Dr. James dava as ordens necessárias.

Alguns segundos depois chegou o pessoal de emergência e começaram a atuar de modo frio e eficiente. Eu orei silenciosamente, interrogando-me se Mitch sobreviveria.

Cumprindo pena

Mitch era um homicida. Ele tinha sido professor até ao dia em que, de modo calmo e deliberado, apontou uma arma a outro homem e puxou o gatilho. Ele tinha admitido o seu crime, expli-



E tu, visitaste-me?

DEUS CONHECE CADA CORAÇÃO SOFREDOR. ALCANÇÁ-LOS COM A MENSAGEM SOBRE O SEU AMOR É A OBRA QUE NOS FOI ENTREGUE. ELE IRÁ FORNECER-NOS TUDO O QUE FOR NECESSÁRIO PARA PODERMOS REALIZAR ESSA OBRA.

cando que a vítima tinha abusado sexualmente da sua filha e tinha tentado o mesmo com a sua esposa. Mitch tinha feito justiça pelas próprias mãos.

Dado que a vítima de Mitch não tinha sido julgada, condenada ou sentenciada pelo seu crime, aos olhos da lei a morte do homem tinha sido simplesmente um homicídio deliberado. Mitch foi condenado a prisão perpétua, sem direito a liberdade condicional. Ele sabia que teria de pagar pelo seu crime, mas ficou surpreendido pela justiça não reconhecer o crime praticado pela sua vítima.

Separado da família que procurara proteger, Mitch vivia frustrado, solitário e amargo. Ultimamente ele tinha sentido muitas dores no peito, especialmente depois de fazer esforços. Após algum tempo de espera, foi agendada uma visita sua ao cardiologista da clínica onde eu trabalhava. Mitch contou-me a sua história enquanto eu o preparava para o teste de esforço.

A nossa clínica tinha um contrato para fornecer certos tipos de serviços médicos a prisioneiros da Prisão Estadual de Pelican Bay. A vida na prisão é despersonalizante e os prisioneiros sentem-se extremamente sós. Eles vinham até à clínica algemados de mãos e

pés; guardas ficavam no parque de estacionamento, na sala de espera e à porta do gabinete médico.

Embora a privacidade fosse apenas uma ilusão, muitos dos presos reagiam aos gestos de bondade de que eram alvo partilhando algo da sua vida comigo, enquanto eu lhes rapava o peito e colocava os elétrodos, de modo a prepará-los para o teste. Eu pensava frequentemente sobre o modo como Jesus trataria estes homens, se Ele estivesse no meu lugar. Ele lembrava-me de que os meus pés e as minhas mãos eram a Sua forma de expressar amor às pessoas de quem eu cuidava. Como gostaria de ter uma oportunidade de realmente ver Jesus em ação e ver o Seu olhar ao pronunciar palavras de encorajamento àqueles que não tinham esperança, como Mitch.

Por detrás das grades

Felizmente Mitch reagiu rapidamente às intervenções de emergência e depressa ficou suficientemente estável para ser transferido para um hospital próximo. Eu fiquei ao seu lado até a ambulância chegar. Tivemos alguns momentos a sós e, embora a clínica nos desencorajasse a falar sobre religião com os nossos pacientes, eu perguntei a Mitch se podia orar por ele. “Sim, por favor”, sussurrou ele, enquanto eu tomava as suas mãos nas minhas.

Algumas semanas depois recebi um bilhete de agradecimento enviado para a clínica por Mitch. Por razões de segurança, as nossas placas de identificação tinham apenas os nossos nomes próprios, pelo que ele pediu desculpa por não saber o meu nome completo. Ele agradeceu-me pela bondade com que eu o tinha tratado e disse-me que tinha sido a primeira vez em muito tempo que tinha

sido tratado como um ser humano. Ele tinha especialmente apreciado a minha oração. O contrato de prestação de serviços estabelecido entre a clínica e a prisão estadual proibia o estabelecimento de qualquer contacto entre empregados e prisioneiros fora da clínica, pelo que eu não respondi ao bilhete de Mitch.

Vários anos depois encontrei o bilhete de agradecimento de Mitch quando estava a preparar a minha mudança para outro Estado dos Estados Unidos da América. Dado que já não trabalhava na clínica, decidi contactar Mitch, oferecendo-lhe estudos bíblicos. Ele ficou contente por receber a minha carta e pediu para ser inscrito no Instituto Bíblico de Ensino à Distância. Continuámos a corresponder-nos durante vários anos e eu enviei-lhe *O Desejado de Todas as Nações* e, de tempos a tempos, outra literatura.

Voltei a mudar de casa, desta vez para uma distância ainda maior da Prisão Estadual de Pelican Bay. Depois de nos correspondermos durante dez anos, as cartas de Mitch tornaram-se mais esporádicas. Ele sentia-se só e desencorajado. Disse-me que temia ser em breve transferido para outra prisão; ele não sabia qual seria o seu futuro. Precisava rapidamente da visita pessoal de alguém que pudesse levá-lo a olhar para Jesus.

Eu orei para que ele não fosse transferido e interroguei-me sobre como poderia ajudá-lo nesta emergência.

Um encontro fortuito

Dois meses mais tarde, o avô do meu marido faleceu e nós fomos ao seu funeral, que foi realizado durante o serviço de culto na igreja Adventista da pequena vila de Miranda, na Califórnia. Depois do funeral, os membros da igreja



FOI JESUS QUE NOS
COMISSIONOU PARA
MINISTRARMOS ÀQUELES
QUE ESTÃO DOENTES
E NA PRISÃO.

ofereceram uma refeição a todos os presentes. O meu marido e eu começámos uma conversa com as pessoas que estavam à mesa connosco, perguntando se eram membros daquela igreja. “Não”, respondeu o homem. “Também somos visitas. Estávamos a caminho de casa, vindos de uma reunião dos ministérios prisionais realizada no Sul, e decidimos parar aqui para passar o Sábado.” O meu coração quase parou. Pensando em Mitch, perguntei: “O vosso ministério nas prisões também abrange a Prisão Estadual de Pelican Bay?” “Sim, nós somos voluntários nessa prisão.”

Imediatamente partilhei com eles a história de Mitch, sublinhando que ele realmente precisava de alguém que o visitasse. Lee Gordon e a sua esposa interessaram-se por Mitch e concordaram

em visitá-lo. Tudo o que era preciso era que Mitch preenchesse um formulário notificando as autoridades prisionais sobre o seu desejo de ser visitado por eles.

Eu não devia ter ficado surpreendida por Deus ter encontrado a solução para este problema. Afinal, foi Jesus que nos comissionou para ministrarmos àqueles que estão doentes e na prisão. Mitch estava deseioso de ter visitas e em breve Lee começou a visitá-lo regularmente. Mitch escreveu-me a dizer que apreciava Lee por ser uma pessoa piedosa e que também apreciava as suas visitas e os estudos bíblicos semanais.

A transferência de Mitch para outro estabelecimento prisional foi adiada por mais de um ano, permitindo que ele continuasse a ter estudos bíblicos com Lee, e dando tempo para que a sua fé crescesse.

O próximo capítulo da história de Mitch ainda não foi escrito. Não foi uma coincidência o facto de termos encontrado as únicas pessoas que podiam ajudar Mitch, ainda que nos fossem totalmente desconhecidas e vivessem longe de nós. Não foi por acaso que os conhecemos quando visitávamos uma pequena igreja Adventista do Sétimo Dia exatamente no mesmo dia em que também eles a visitavam.

Deus conhece cada coração sofredor. Alcançá-los com a mensagem sobre o Seu amor é a obra que nos foi entregue. Ele irá fornecer-nos tudo o que for necessário para podermos realizar essa obra. ✍

Diana Dyer

Escritora *free-lancer*.

Retirado da *Adventist Review*
de 17 de julho de 2014.

Entre milhares e milhares de milhões de anos

Recentemente, foi divulgada pela NASA a descoberta de um novo “sistema solar” com sete Planetas. Três deles estavam na “zona habitável”, região em que a temperatura permitiria a existência de água líquida na superfície. Os sete Planetas rochosos ficam na nossa galáxia, a Via Láctea, mas fora do nosso Sistema Solar. Uma das cientistas disse mesmo que a descoberta “está para além de tudo o que eu poderia imaginar”. Outro cientista classificou a descoberta como sendo algo “fantástico”. Porém, pouco tempo depois, o público foi informado de que esses Planetas provavelmente não podem ser habitados devido à radiação emitida por *Trappist-1*, o “Sol” que dá o nome a este novo sistema.

Antes de terem convocado os meios de comunicação social, por que razão os cientistas não se lembraram de se perguntar até que ponto esses novos Pla-

netas seriam realmente semelhantes à Terra? Esta precipitação tem levado os cientistas a cometerem erro atrás de erro nesta longa busca por vida fora

da Terra. Mas como se originou a vida no nosso Planeta? Muita investigação tem sido feita para tentar responder a esta pergunta. A resposta poderia ser facilmente encontrada, caso os cientistas se voltassem para a Bíblia como ponto de partida para a busca de respostas sobre as nossas origens.

Dois modelos

Os criacionistas, como o próprio nome indica, acreditam que Deus criou todo o Universo. Porém, um tópico em que eles discordam tem que ver com o momento da origem do Universo e da vida na Terra. Partindo da afirmação de que “no princípio criou Deus os céus e a terra”, cientistas e teólogos defensores da teoria da Criação apresentam interpretações distintas para os primeiros versículos do livro de Génesis. A partir

MAS COMO SE ORIGINOU A VIDA NO NOSSO PLANETA? MUITA INVESTIGAÇÃO TEM SIDO FEITA PARA TENTAR RESPONDER A ESTA PERGUNTA.

de uma análise bíblica, têm sido propostos dois modelos para a criação do Universo.

O modelo da Terra jovem, em geral, defende que a Terra foi criada em seis dias, ao mesmo tempo que o Universo e o nosso Sistema Solar. Isso incluiria a organização do Planeta para ter as condições necessárias para a existência de vida, bem como a criação da própria vida em todas as suas manifestações. Os demais Planetas e Luas do Sistema Solar (criados nessa mesma semana) teriam permanecido sem forma e vazios.

O modelo do intervalo passivo defende que Deus criou o Universo (estrelas e sistemas planetários), incluindo a matéria da Terra, num momento indeterminado em eras anteriores à criação da vida na Terra. Depois preparou a Terra para albergar vida e criou a vida terrestre em seis dias, apenas há alguns milhares de anos. Os demais Planetas e Luas do Sistema Solar teriam permanecido no seu estado original, sem forma e vazios, como eram desde o início da época indeterminada que precedeu a semana da Criação relatada em Gênesis.

Richard Davidson, professor de Antigo Testamento da Universidade de Andrews, declarou, num artigo publicado na revista da Sociedade Teológica Adventista, que “várias considerações o levam a preferir o modelo do 'intervalo passivo' em relação ao modelo 'sem intervalo' [i. e., o modelo da

Terra jovem]”. Outros teólogos Adventistas também concordam em que um padrão de criação divina em dois estágios emerge de uma análise escriturística.

O Dr. Rúben Aguillar, professor emérito da Faculdade Adventista de Teologia do UNASP, comenta a relação existente entre o sentido original do primeiro versículo de Gênesis e o modelo do intervalo passivo, afirmando o seguinte: “Uma das palavras da Bíblia hebraica bem estudadas e que, ao mesmo tempo, provoca interpretações polêmicas é aquela com a qual começa o relato do Gênesis: *bereshith*, 'no princípio'. A primeira sílaba é uma preposição inseparável traduzida sem dificuldade como 'em'. Na língua portuguesa aparece acrescida com o artigo 'o' e resulta em 'no'. O termo *reshith*, traduzido como 'princípio', encontra a sua raiz no vocábulo *r'osh*, 'cabeça'. Segundo o léxico hebraico, esse termo significa também: 'começo', 'tempo primordial', 'estado primordial', 'tempo remoto', 'primeiro da sua classe' em relação a tempo. Auxiliado pelas alternativas de tradução que o léxico apresenta, o primeiro versículo de Gênesis pode ser assim traduzido: 'no tempo primordial Deus criou', ou também 'no tempo remoto Deus criou'; o que concede ao versículo um sentido de antiguidade de maior profundidade em termos de expressão temporal.”

O professor Aguillar acrescenta que a análise do versículo 2 de Gênesis reforça um entendimento coerente acerca da criação em dois estágios: “A ideia do intervalo passivo fortalece-se ao analisar-se o versículo 2 no texto hebraico, onde aparecem as palavras *tohu vabohu*, 'sem forma e vazia', sobre as quais está inserido o acento gramatical *rebi'a*. Os

acentos na língua hebraica têm a função de relacionar uma palavra com as outras. Essa relação pode ser de união ou de separação. O acento *rebi'a*, que aparece nas palavras mencionadas é disjuntivo, da segunda classe superior, ou seja, a sua função é fazer separação ou indicar pausa. Observando através dessa lente, pode-se ver que a frase 'estava sem forma e vazia' faz separação entre a frase 'no princípio criou Deus os céus e a terra', do versículo 1, e as frases que descrevem a semana da Criação nos versículos seguintes.”

Para fins de esclarecimento, é importante mencionar que o modelo do intervalo passivo, citado atrás, não deve ser confundido com o modelo do intervalo ativo (também designado como o “modelo da ruína e da restauração”), proposto por Thomas Chalmers (1780-1847), famoso teólogo escocês, o qual defendia, sem qualquer evidência direta, científica ou escriturística, que a vida teria sido criada na Terra por Deus num distante passado preadâmico, teria sido arruinada num determinado momento e teria voltado a ser criada na semana da Criação relatada em Gênesis.

A luz e o tempo

Um problema frequentemente associado a ambos os modelos criacionistas (i. e. os modelos da Terra jovem e do intervalo passivo) diz respeito à questão da criação da “luz”. Muitas pessoas utilizam o argumento de que Deus teria “criado” os luminares somente no quarto dia (Gén. 1:14). Mas uma análise alternativa mostra-nos que Deus poderia já ter criado a luz no primeiro dia (Gén. 1:3). Portanto, neste sentido, o Sistema Solar já existia.

A abertura parcial de uma densa nuvem no primeiro dia



da semana da Criação iluminou a Terra; porém, o Sol, a Lua e as estrelas, embora presentes, não eram visíveis a partir da Terra. A luz era semelhante à de um dia muito nublado. Uma retirada completa da cobertura de nuvens, no quarto dia, fez com que o Sol, a Lua e as estrelas, pré-existentes, se tornassem plenamente visíveis a partir da superfície da Terra. Daí os luminares serem mencionados somente no quarto dia. Ou então o Sol e a Lua poderiam ter sido criados no quarto dia, ao contrário das demais estrelas, que são mencionadas de forma parentética por Moisés, indicando que elas já existiam.

Os dois primeiros versículos do livro de Gênesis também possibilitam uma segunda interpretação aceite por uma parcela dos Adventistas criacionistas. Estes defendem que a declaração “Deus criou os céus e a terra”, no primeiro versículo de Gênesis, seria um pequeno resumo ou uma introdução do relato da criação da Terra e suas imediações (e não sobre a criação do Universo), acompanha-

da pela descrição do versículo 2 de que “a terra era sem forma e vazia e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas”.

A expressão “terra sem forma e vazia” indicaria a materialidade da Terra antes da semana da criação da vida (que se iniciaria apenas no versículo 3), não se fazendo menção alguma sobre a criação do Universo. Esta descrição poderia aplicar-se coerentemente a uma Terra pré-existente, indicando que o Universo teria sido criado antes da semana da criação narrada em Gênesis.

A maioria das traduções bíblicas propicia, de facto, uma afirmação ambígua, dado que o texto hebraico dá margem a várias interpretações. Mas é um facto que a descrição de uma Terra vazia, envolvida em trevas originais, é reforçada por descrições semelhantes apresentadas por outras passagens bíblicas que falam de uma Terra original envolvida em “escuridão” (Job 38:9), com uma veste de nuvens, e de uma Terra que “surgiu da água” (II Ped. 3:5).

Num artigo publicado na *Revista Adventista* brasileira, em abril de 2016, pelo pastor Glauber Araújo, lemos a seguinte afirmação: “Acreditar que o Universo seja mais antigo do que a vida no nosso Planeta não tem que ver com o pensamento evolucionista, mas com as evidências bíblicas.” Isto confirma o que ponderou John Lennox, professor na Universidade de Oxford, no livro *Seven Days That Divide the World*: “É logicamente possível crer nos dias de Gênesis como dias de 24 horas (compondo uma semana terrestre) e crer que o Universo é antigo. E [...] isso não tem nada a ver com a Ciência. Diz respeito ao que o texto nos está, de facto, a dizer” (p. 53).

O professor Richard Davidson, no livro *He Spoke and It Was*, afirma que “as análises recentes do discurso de Gênesis 1 [...] indicam que a gramática do discurso desses versículos aponta para uma criação em dois estágios. A história principal não começa antes do versículo 3. Isso implica uma condição anterior dos 'céus e terra' no seu estado



'sem forma e vazia', antes do início da semana da Criação”.

Partindo dessa visão, o livro de Hebreus (11:3) diz que Deus criou as eras (o tempo). Ainda sobre o tempo, Eduardo Lutz, investigador Adventista, Mestre em Astrofísica, afirma que “o tempo é um dos atributos do Universo. Existe uma profunda conexão entre a criação do tempo e a criação do Universo. Não é possível separá-los. Se o tempo não teve um início, então Deus não criou aquilo a que chamamos hoje 'Universo'”. Segundo o astrofísico, “o tempo pode existir sem matéria, mas a matéria não pode existir sem tempo”.

O livro de Job também aponta nessa direção. Ali encontramos dois textos que claramente sugerem a existência de outros seres criados além de nós. Em primeiro lugar, quando Satanás compareceu perante o Senhor (Job 1:6 e 7), o texto faz referência a outros “filhos de Deus”, dando a entender que o nosso Planeta não era o único habitado. Em segundo lugar, quando Deus

lançou os fundamentos da Terra, havia alguém para celebrar. Por outras palavras, Job 38:7 contradiz a interpretação de que a Terra tem a mesma idade do Universo (o modelo da Terra jovem), mas não contradiz Gênesis 1 (nem o modelo do intervalo passivo). Temos também de considerar que o modelo do intervalo passivo dá tempo para que se desenrolem as cenas iniciais do grande conflito entre Deus e Satanás, o que não acontece com o modelo da Terra jovem. A Bíblia e o Espírito de Profecia deixam bem claro que o Mal surgiu no seio dos anjos, uma classe de seres que já existia muito antes da criação da vida na Terra em seis dias. Portanto, a mundividência do Grande Conflito apoia claramente o modelo do intervalo passivo.

Interpretação lógica

Em conclusão, podemos dizer que a principal distinção entre o “modelo do intervalo passivo” e o “modelo da Terra jovem” (sem intervalo) deve-se à questão sobre quando se deu o início absolu-

to dos “céus da terra” (Gén. 1:1). Enquanto o último ponto de vista interpreta Gênesis 1:1 e 2 como parte do primeiro dia da criação em sete dias, o primeiro ponto de vista interpreta Gênesis 1:1 e 2 como uma unidade cronológica separada do primeiro dia da criação (descrito em Gênesis 1:3) por uma lacuna no tempo.

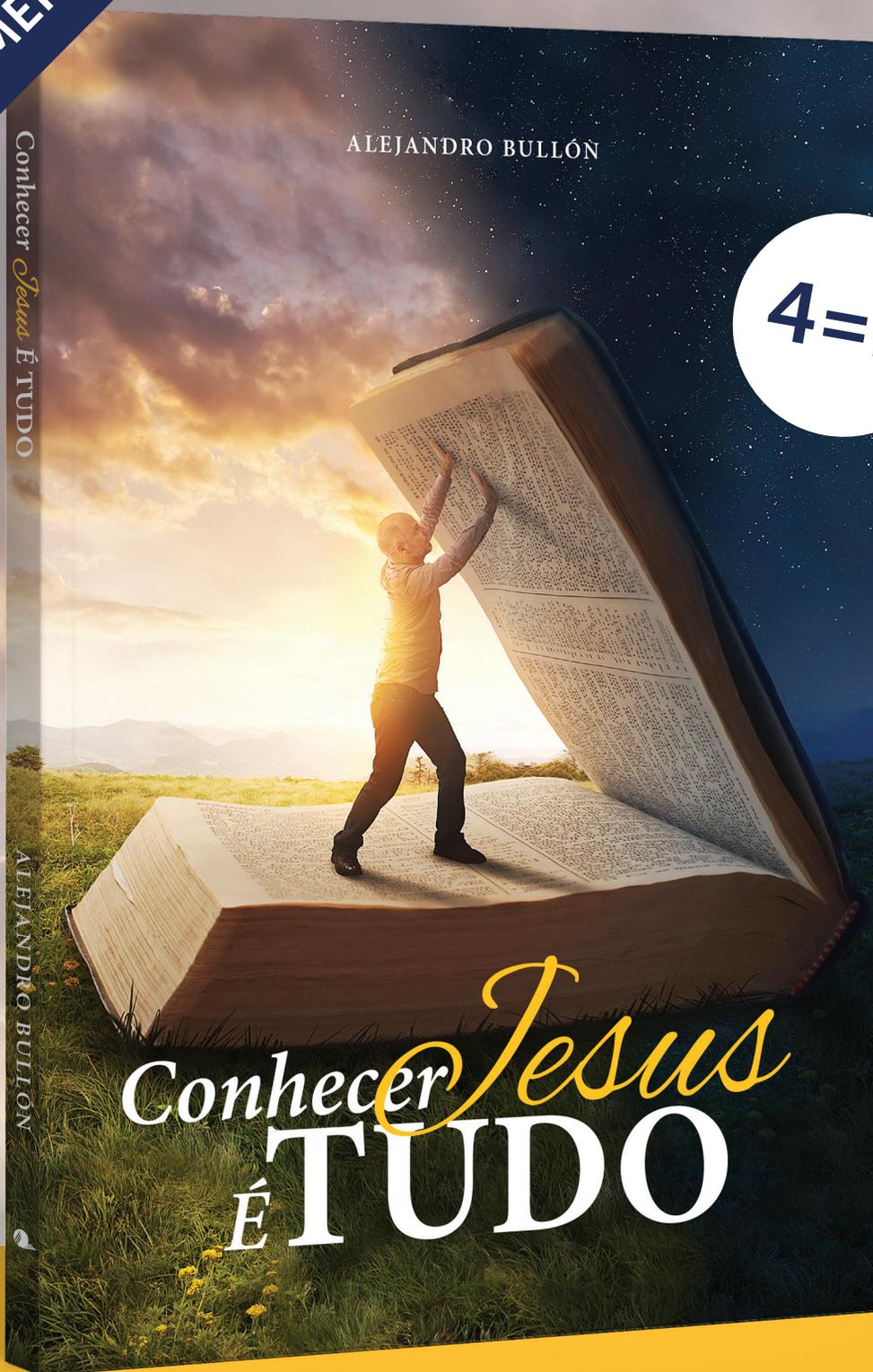
Diante do exposto, posso lançar-lhe a seguinte questão: o Leitor considera-se um criacionista que defende o modelo da Terra jovem ou um criacionista que sustenta o modelo do intervalo passivo? É claro que não é possível dar uma resposta definitiva a esta pergunta num simples artigo, uma vez que não existe consenso no seio da comunidade teológica Adventista. O objetivo deste texto foi apenas o de expor brevemente o modelo do intervalo passivo, ideia que já vem sendo discutida há décadas, mas que requer mais estudo. ✍

Everton Fernando Alves
Cientista.

Adaptado da *Revista Adventista* brasileira de junho de 2017.

LANÇAMENTO

PUBLICADORA SERVIR



Adquira JÁ!

Por telefone ou por e-mail:

21 962 62 00 ou **clientes@pservir.pt**

Quatro livros, agora num só!

"A Crise Existencial"

"Jesus, Minha Vida!"

"Conhecer Jesus É Tudo"

"Volta para Casa, Meu Filho"